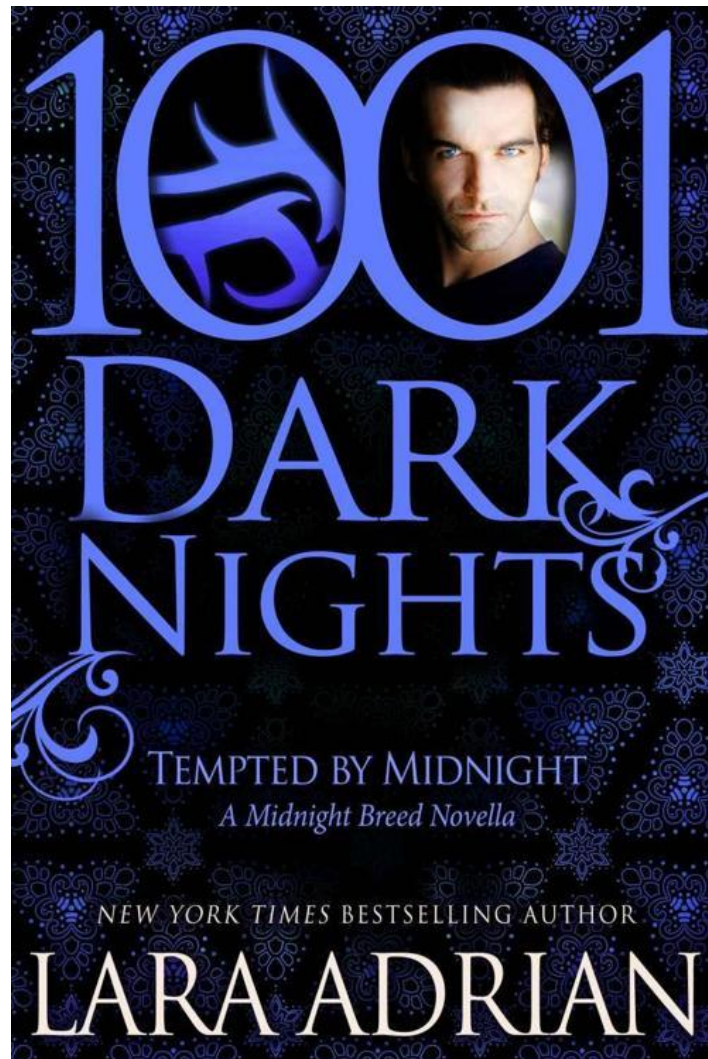


Lara Adrian - Midnight Breed 12,5

1001 Noites Sombrias

Tentado pela Meia-Noite



Projeto Revisoras
Traduções





Uma vez, eles viveram em segredo ao lado da humanidade. Agora, emergido das sombras, a Raça enfrenta inimigos em ambos os lados, tanto humanos quanto vampiros. Ninguém sabe disso melhor que Lazaro Archer, um dos mais antigos, mais poderosos de sua espécie. Sua amada companheira e família foram massacradas por um louco vinte anos atrás, Lazaro se recusa a abrir seu coração novamente.

Sob o juramento de seu dever como líder de uns dos Centros da Ordem, localizado na Itália, a última coisa que o endurecido guerreiro quer é estar encarregado do resgate e custódia de uma mulher inocente que precisa de sua proteção. Mas, quando uma missão secreta toma um rumo mortalmente errado, Lazaro se encontra no improvável papel de herói com uma familiar beleza intrigante que ele não deveria desejar, mas não pode resistir.

Melena Walsh nunca esqueceu o audacioso macho da Raça que salvou sua vida quando criança. Mas, o cavalheiresco herói de seu passado é totalmente diferente do amargo e perigoso homem do qual sua segurança depende agora. E com um indesejado, mas não negado, desejo acendendo entre eles, Melena teme que a proteção de Lazaro tenda a vir com o preço de seu coração...

Mil e Uma Noites Sombrias

Era uma vez, no futuro...

Eu era uma aluna fascinada com histórias e conhecimento.

*Estudei filosofia, poesia, história, o oculto, e
a arte e ciência do amor e da magia. Eu tive uma vasta
biblioteca na casa do meu pai e colecionei milhares
de volumes com contos fantásticos.*

*Eu aprendi tudo sobre raças antigas e tempos
antigos. Sobre mitos e lendas e sonho de todas
as pessoas com o passar do milênio. E quanto mais eu li
mais forte minha imaginação cresceu até que eu descobri
que era capaz de viajar nas histórias... e realmente
me tornar parte delas.*

*Eu queria poder dizer que escutei meu professor
e respeitei meu dom, como deveria ter sido. Se tivesse, eu
não estaria contando a você este conto agora.
Mas eu fui precipitada e confusa, me exibindo com bravura.*

*Uma tarde, curiosa sobre o mito das Noites Árabes,
eu viajei de volta para a Pérsia antiga para
ver por mim mesma se foi verdade que todo dia Shahryar
(Persa: شهریار, “Rei”) casou-se com uma nova virgem, e então
enviou do dia anterior para ser decapitada. Foi escrito
e eu li, que no momento em que ele conheceu Scheherazade,
a filha do vizir, ele tinha matado mil mulheres.*

*Algo deu errado com meus esforços. Eu cheguei
no meio da história e de alguma maneira troquei de
lugar com Scheherazade, um fenômeno que
nunca tinha ocorrido antes e que até hoje, eu
não pude explicar.*

*Agora eu estou presa nesse antigo passado. Eu peguei
a vida de Scheherazade e o único modo de me
proteger e ficar viva é fazer o que ela fez para
se proteger e ficar viva.*

*Toda noite o Rei chama por mim e me ouve desenrolar histórias.
E quando a noite cai e o amanhecer começa, eu paro em um
ponto que o deixa ofegante e ansioso por mais.
E então o Rei poupa minha vida por mais um dia, para que
ele possa ouvir o resto do meu conto sombrio.*

*Assim que eu termino uma história... eu começo uma nova
... assim como esta que você, querido leitor, tem agora.*

CAPÍTULO 01

Ele viveu por mais de mil anos, tempo suficiente para que poucas coisas ainda tenham o poder de maravilhá-lo. O mar à noite era um desses prazeres raros para Lazaro Archer.

Parado no terceiro nível do convés da proa de um brilhante, e privado, mega iate de 279 pés na costa ocidental da Itália, Lazaro apoiou suas mãos no corrimão de mogno polido e entregou seus sentidos em uma leve apreciação ao ambiente enlazarado.

O salgado ar mediterrâneo encheu suas narinas e desarrumou seu cabelo preto. A brisa tardia de verão era fresca à noite, com rajadas rítmicas em direção à costa italiana. A escura e ondulante água se espalhava em todas as direções abaixo do brilho branco das espaçadas nuvens e do cobertor de estrelas. Logo abaixo, ondas rolavam com fluidez sensual contra a lateral do iate, motores silenciados como esperado para seu destino no Mar de Tyrrhenian.

Lazaro supôs que o luxuoso navio no qual estava a bordo tiraria o fôlego de todos, humanos ou Raça. Nascido antes, e sendo da primeira geração da Raça, um dos primogênitos da nação vampírica, indivíduos do mais puro sangue, Lazaro sabia o valor da riqueza e do luxo.

Ele uma vez teve todas essas coisas. Ainda tinha, se ele se importasse. Ele deixou em Boston tudo que uma vez teve, há vinte anos, depois que as coisas mais preciosas em sua vida tinham sido tiradas dele. Sua Companheira, seus filhos e seus companheiros, uma casa cheia de crianças inocentes... Tudo perdido. Seu único parente sobrevivente era seu neto, Kellan, que estava com Lazaro na noite em que Darkhaven foi arrasado até o chão em um hediondo ataque, sem motivo, provocado por um louco chamado Dragos.

Lazaro exalou profundamente, não mais sentindo a dor crua do pesar que ele sempre sentia sobre sua família morta. A angústia entorpeceu com o passar do tempo, ainda sim, sua culpa estava sempre com ele, marcada como uma ferida física. Uma odiosa e permanente lembrança de sua perda.

Do maior fracasso de sua vida.

Se sua existência tinha qualquer significado agora, pertencia ao seu trabalho com Lucan Thorne e seus amigos guerreiros da Raça da Ordem. Como chefe da operação da Ordem em Roma nestas últimas duas décadas, Lazaro teve pouco tempo para piedade ou indulgências pessoais. Ele teve até menos oportunidades para prazer, raro ou não.

Que era o modo que ele preferia isto.

Ele lidava com a justiça agora.

Às vezes, ele lidava com a morte.

Hoje à noite, ele estava representando a Ordem em um ambiente menos oficial, na esperança de que poderia facilitar um encontro secreto entre dois de seus confiáveis amigos. Um deles era da Raça, um membro de alta posição no Conselho das Nações Globais. O outro, era o

dono do mega iate, humano, um influente homem de negócios italiano que ocorreu ser também o irmão do presidente recentemente eleito no país, um político que ganhou seu escritório com conversa dura contra a Raça. Se a reunião com Paolo Turati decorresse como planejado hoje à noite e for um sucesso, seria o primeiro passo em direção à forjar uma aliança com um dos maiores críticos da nação vampírica.

Quanto a Byron Walsh, o macho da Raça tinha sido um de colegas de Lazaro nos Estados Unidos, mesmo desde antes de o GNC (gênero não confirmado) ter aproveitado Walsh para seu posto diplomático atual. Como líder de seu próprio Darkhaven em Maryland, o círculo social de Walsh ocasionalmente cruzava com o de Lazaro em Boston. Houve um tempo, um inverno amargo, que a família de Walsh veio para visita-lo em sua mansão de Black Bay. Há muito tempo atrás, quando Lazaro ainda tinha um Darkhaven. Quando ele ainda tinha uma família mantida segura sob sua proteção.

Foi ainda antes disso que Lazaro Archer participou como emissário para qualquer causa. Ele esperou como o inferno que esta introdução clandestina não fosse um engano.

Cento e dez quilômetros atrás dele estava a cidade litoral de Anzio, onde Lazaro juntou-se a Turati em seu iate algumas horas atrás. À frente deles, a uma distância muito mais longa, a ilha de Sardinia reluzia brilhante contra a escuridão. Resquícios de outros grandes iates e embarcações flutuando no vasto espaço entre o iate de Turati e a ilha, mas foi a hélice de uma lancha que capturou toda atenção de Lazaro. De pequeno tamanho, o barco saiu em marcha lenta em sua direção. Ele observou a aproximação na escuridão, a luz de navegação diminuiu, como instruído, piscando três vezes e cruzando a água em direção a eles.

Seu americano amigo da Raça não desapontou. Byron Walsh estava chegando como prometido, e na hora certa.

Lazaro acenou com a cabeça, sorrindo com alívio.

Ele se virou da borda e foi em direção ao salão no principal deck do iate onde Turati o esperava. Com as instruções e garantias de Lazaro, o bilionário de cabelo grisalho trouxe somente dois homens de sua segurança habitual. A tripulação de cinquenta foi reduzida para uma dúzia, suficiente apenas para operar o iate.

Com a entrada de Lazaro no luxuoso salão, Turati o olhou de relance, com as sobrancelhas rígidas. — Ele vem? — O idoso perguntou em sua língua nativa.

Lazaro respondeu também em Italiano. — O barco está a caminho agora. — Como o anfitrião não falava inglês, Lazaro pessoalmente traduziria a reunião, somente para assegurar-se de que a conversa não tomaria o curso errado.

Paolo Turati faz parte de um pequeno número de humanos que Lazaro considerava como amigo. Ele também era um dos poucos humanos que não consideravam a Raça como monstros para serem presos na melhor das hipóteses, ou, exterminados na pior das hipóteses.

Reconhecia, o medo não era sem causa. Por milênios, a Raça existiu nas sombras juntamente com seus vizinhos, Homo sapiens. Nos vinte anos desde que os vampiros foram

expostos para a humanidade, a confiança entre as duas raças no planeta tinha sido qualquer coisa, exceto fácil.

Essa confiança se tornou ainda mais complicada há umas semanas atrás, quando uma facção violenta, chamada Opus Nostrum, ocultou uma bomba em uma conferência muito importante entre a Raça e alguns humanos notáveis.

Se as apresentações de hoje à noite fossem bem, a Raça ganharia uma voz ativa e um aliado muito importante em seus esforços para manter a paz entre homens e vampiros ao redor do mundo. Se fosse mal, os esforços da Ordem para acordar a paz podiam iniciar uma ardente guerra que a Opus Nostrum parecia querer muito.

— Eu espero que seu amigo de Maryland venha para esta reunião com as mesmas intenções que eu. — Turati disse, apreensão visível em sua boca plana, embora os olhos do idoso deram a Lazaro um olhar confiante. — Se eu gostar do que ouvir hoje à noite, farei o possível para persuadir meu irmão para, pelo menos, considerar a ideia de conversar com o GNC e Lucan Thorne. Afinal, a meta de todos é a paz, não somente por nós mesmos, mas para nossas gerações futuras.

— Realmente, — Lazaro respondeu. Sua audição aguda da Raça capturou o lânguido grunhido do barco trazendo Byron Walsh. — Ele está chegando agora. Espere aqui, Paolo. Eu descerei para encontra-lo e o trarei para cá.

Turati franziu a testa. — Eu me juntarei a você, Lazaro. Parece-me adequado que eu também receba o Vereador Walsh pessoalmente junto à você. Eu não faria menos para qualquer outro convidado.

Lazaro acenou em acordo. — Uma boa ideia.

Ele esperou pacientemente enquanto o idoso se levantava e alisava seu terno azul sob medida e camisa de seda creme. Em contraste, Lazaro estava vestido no que ele veio a considerar como Casual da Ordem, calça comprida preta, botas leves de combate, e uma camisa preta ajustada.

E, embora ele fosse da primeira geração da Raça e mais que mortal somente com suas mãos, ele levava uma lâmina escondida em cada bota e uma pistola semiautomática 9mm amarrada com correia em seu tornozelo direito. Ele não esperava problemas de qualquer um dos dois homens ou dos poucos tripulantes a bordo, na reunião desta noite, mas ele seria maldito se ele não viesse preparado para isto.

Juntos, ele e Turati deixaram o salão principal no segundo nível do iate, descendo a polida escadaria do elegante late em direção ao deck abaixo. O barco carregando Walsh estava chegando perto da popa ao mesmo tempo em que Lazaro e Turati o encontraram.

Um grande guarda-costas observava com atenção a lancha, nos arredores da escotilha. Ele era da Raça, grande e ameaçador como qualquer do tipo de Lazaro. Turati hesitou diante da presença do não amigável guarda. Os dois homens que formavam a segurança do Italiano permaneceram atrás de seu empregador, pulsações cortando o ar.

Ele deu uma solene saudação para o guarda de Walsh, como sinal de que Walsh estaria seguro entre amigos hoje à noite. O guarda virou, abriu a escotilha e murmurou “Tudo limpo” para os ocupantes do barco.

Byron Walsh apareceu imediatamente. Vestido menos formal que Turati, o diplomata da Raça emergiu da cabine em uma camisa branca enrolada nas mangas e calça comprida bege. Embora Walsh fosse bom de se olhar, mais de um metro e oitenta e três, fortemente musculoso, como todos de seu tipo, seu vestuário relaxado suavizava suas extremidades. Assim como o sorriso que ele deu ao desembarcar de seu barco e andar sobre o deck do iate de Turati.

A simpatia de Walsh parecia genuína, mesmo que seu sorriso não alcançasse seus olhos. Existia uma subcorrente de ansiedade sobre ele, como se ele ainda não tivesse decidido se estava andando sobre um chão seguro ou em um ninho de víboras.

— Lazaro, meu amigo velho, há quanto tempo. Muito bom vê-lo, — ele brevemente saudou, então estendendo sua mão para o anfitrião da noite. — Signor Turati, buona sera.

— Paolo, — Turati ofereceu enquanto os dois homens apertavam as mãos.

— Obrigado por concordar com a reunião, — Walsh continuou em Inglês. — E, por favor, perdoe o mistério sobre nossa apresentação hoje à noite. Infelizmente, existem ainda aqueles que preferem manter-nos em conflito, em lugar de buscar a paz assim como você e eu temos esperança de alcançar.

Lazaro traduziu brevemente, e Turati sorriu e respondeu do mesmo jeito. — Paolo diz que está honrado de ter a oportunidade para conversar e compartilhar ideias com você, Byron. Ele gostaria que você e seus homens ficassem confortáveis como seus convidados.

Walsh levantou sua mão, gesticulando para esperar. — Um momento, por favor. Não estamos todos presentes. — Ele se virou para olhar seus guarda-costas da Raça atrás dele. — Onde está Mel?

— Estava atrás de mim um segundo atrás, — um de seus homens respondeu.

Lazaro franziu o cenho, confuso, e nem um pouco preocupado de que Walsh aparentemente havia trazido um terceiro membro de sua companhia quando o acordo havia explicitamente pedido equilíbrio em ambos os lados. Ele lançou um olhar interrogatório sobre seu amigo, ao mesmo tempo em que uma cabeça emergiu da escotilha.

Uma cabeça coberta em ondas longas e fluídas de cabelo vermelho.

— Eu sinto muito, — a mulher apressadamente se desculpou. — Tive que me sentar por um segundo. Eu ainda não me acostumei com o balanço.

Ela saiu finalmente do barco, e todo par de olhos no deck a observou, do mesmo jeito que a maré é puxada em direção à lua. Nem mesmo Lazaro estava imune.

Cristo, nem mesmo perto disso.

— Ah! Você está aí, querida. — Walsh ajudou-a para fora da pequena embarcação.

Querida? Lazaro vagamente recordou que Byron Walsh perdeu sua Companheira da Raça em um acidente de carro três ou quatro anos atrás. *Já tinha outra?* Se ela era uma Companheira ou fêmea humana, Lazaro não estava certo.

Mas, direto ao ponto, *o que diabos Walsh estava pensando, aparecendo com ela inesperadamente para uma reunião desta importância?* Lazaro trabalhou com Paolo Turati por meses antes de o homem finalmente concordar em abrir as portas para conversar com um membro do GNC. Walsh mesmo foi relutante em confiar no familiar de um líder de governo que não fazia segredo em sua suspeita e desgosto com a população inteira da Raça. Lazaro não podia imaginar o que Walsh pensou em tratar essa negociação não oficial como uma porra de cruzeiro do amor.

Se agarrar o macho da Raça pela garganta e exigir uma resposta para esta pergunta não tornasse essa situação em um potencial desastre, Lazaro poderia fechar seus punhos e fazer isto. Ao invés, ele olhou fixamente, mudo e fumegante. Ele lidaria com este pequeno lapso de seu amigo mais tarde.

— Cuidado, — Walsh acalentou sua *não convidada* companhia. — Olhe o degrau, coração.

Inferno, todos presentes estavam olhando seus passos. Ela era alta, elegante, com curvas abundantes que preenchiam todo seu corpo e usava uma saia carvão conservadora, mas malditamente sensual que chegava até os joelhos e mostrava suas pernas longas, bem formadas. Ela vestia uma blusa de seda colorida desabotoada a meio caminho abaixo seu esterno, só baixa o suficiente para mostrar o generoso inchaço de seu seio.

Na base de sua garganta tinha marca de nascença escarlate pequena na forma de uma lua crescente com uma lágrima caindo em seu berço. Então, a bela voluptuosa era uma Companheira da Raça, Lazaro notou com desgosto. Caso ela tivesse sido simplesmente uma acompanhante do vereador, Lazaro não teria nenhum escrúpulo em mandar o pequeno barco embora com ela dentro.

Mas, uma fêmea nascida com a marca de Companheira da Raça pedia mais respeito de Lazaro. E, mesmo que agora ele fosse mais guerreiro que cavalheiro, ainda existia uma parte dele que queria conservar fêmeas raras em respeito. E caso ela estivesse de fato acasalada com Byron Walsh, então Lazaro não tinha nenhuma porra de direito de olhá-la fixamente com interesse queimando em suas veias.

Quando seus esbeltos saltos a estabeleceram graciosamente no deck, ela ergueu sua cabeça olhando de relance para ele e os outros homens. Sua juba de lustroso cabelo em chamas brilhantes emoldurava um rosto oval delicado dominado por grandes olhos verdes e lábios suaves, sensuais.

Ela era, em uma palavra, impressionante.

O rosto de um anjo e o tipo de corpo para tentar um santo.

E baseado no súbito silêncio de interesse focado no deck do iate de Turati, dificilmente existia um santo entre eles.

Lazaro calou sua própria consciência com força abrupta, violentamente.

Walsh tomou a mão da mulher e a levou adiante. — Lazaro, você se lembrará da minha filha, Mel.

Em um flash de memória, Lazaro vislumbrou uma desengonçada e levada criança de mais ou menos sete anos de idade que chegou com seus pais adotivos no Darkhaven de Archer em um inverno. Sardenta, esquelética, possuía mais coragem que bom senso, foi o modo que ele recordou-se.

Nada como a curvilínea, e equilibrada mulher que estava à sua frente.

— Melena, — ela corrigiu suavemente seu pai, sua luxuriante boca curvando em um sorriso cortês enquanto ela oferecia uma saudação, primeiro a Turati, e então para Lazaro. — Eu sou a assistente pessoal de meu pai. Hoje à noite também estarei traduzindo para ele. — Ela virou para Turati, com um sorriso cheio falando agora em Italiano sem defeito. — Eu espero que você não se importe. Entre nós, o italiano de papai é só ligeiramente melhor que seu francês, o que não é muito.

Turati riu, seus olhos envelhecidos centelhando coma visão de Melena Walsh. O par imediatamente começou uma leve, e efusiva conversa sobre a Itália e suas áreas numerosas de superioridade sobre as coisas francesas. Lazaro não se impressionou com a mulher jovem, mas ele não podia negar suas habilidades de idioma, ou seu charme. Paolo Turati não era nenhum bobo e ela levou menos de um minuto para ter o velho comendo na palma de sua mão branca suave.

Ainda, isto não era uma reunião social.

Existiam negócios reais a serem feitos hoje à noite.

Lazaro clareou sua garganta em um esforço para quebrar a distração da não convidada. — Sua oferta para tradução é apreciada, Senhorita Walsh.

— Melena, por favor, — ela inseriu.

— Mas não será necessária, — Lazaro terminou. — Como esta reunião é confidencial e também um assunto de segurança global, toda interpretação será pessoalmente lidada por mim. Eu espero que você entenda.

Ela virou para seu pai, um leve movimento de seus olhos.

— Eu estarei mais confortável sabendo que Mel está por perto, — Walsh respondeu. — Como você diz, Lazaro, existe muito em jogo no mundo, e eu odiaria que minhas desajeitadas palavras carregassem qualquer significado menos do que o que eu gostaria verdadeiramente dizer. Do mesmo jeito, antes de eu sair hoje à noite, gostaria de estar certo de que entendi tudo o que Paolo pretenda que eu saiba.

— Você não confia que eu seja capaz de assegura-lo de ambas as coisas?

— Melena veio todo este caminho para me ajudar, Lazaro.

— E ela é bem-vinda a ficar em um dos outros salões até que a reunião esteja acabada. — Lazaro encontrou o olhar de seu velho amigo, tentado decifrar alguma da apreensão nos olhos do macho da Raça. — Se você não gostar da minha decisão, converse com Lucan Thorne quando você retornar aos Estados Unidos.

Turati estava franzindo a testa, perdido pela conversa dos dois em Inglês. — Algo está errado? — Ele perguntou, dirigindo sua pergunta para Lazaro em italiano, olhando longe de Melena. — Diga-me o que está acontecendo.

— Senhorita Walsh se juntará a nós após a reunião, — Lazaro o informou. — Ela não sabia da natureza sensível deste acordo e concordamos que eu devia fornecer a tradução necessária como planejado.

Melena olhou para baixo, e rosto de Turati se fez em uma carranca mais profunda. Ele andou em direção a ela, sua boca franzindo em contemplação muda. Quando ela o olhou, o velho homem sorriu, enganchando um dedo polegar em direção a Lazaro. — Nós deveríamos pedir para que ele junte-se a nós depois da reunião ao invés? — Ele sussurrou em italiano. — Eu preferiria muito mais ouvir sua voz pelas próximas horas do que a dele, minha querida.

Ela sorriu, mas começou a agitar sua cabeça. — Obrigada, Sr. Turati, mas eu não posso.

— Você pode, e eu insisto que você faça. Você e seu pai são ambos meus convidados aqui hoje à noite. Não banirei nenhum de vocês de nossa reunião. — Turati inclinou um olhar astuto em Lazaro. — Eu não banirei qualquer um de vocês. Venha, vamos entrar agora.

Lazaro mandou embora o barco a motor com um aceno, esperando pelos Walshes, Turati e os dois guarda-costas voltarem até o salão principal do iate. Então, com um xingamento baixo e um vago, mas problemático aborrecimento, ele foi atrás deles.

CAPÍTULO 02

A reunião estava indo muito melhor que esperado. Considerando que Melena quase havia sido banida antes de começar.

Seu pai e Paolo Turati falaram sem interrupções por horas, conversaram desde concepções erradas entre a Raça e a humanidade, até o clima político volátil que existia entre as duas raças. Eles discutiram suas esperanças por um futuro melhor e compartilharam preocupações sobre como o futuro pareceria se essa forte desconfiança nas relações Raça/humanos continuasse.

Ou pior, se fosse encorajado a se espalhar, algo que o ato terrorista falho ocorrido no GNC em Washington, D.C., duas semanas atrás pareceu como orquestrado.

Ambos não resolveram os problemas do mundo nessas duas horas, mas estava crescendo um respeito e carinho genuínos um para ao outro. Com os assuntos mais pesados para trás, Melena felizmente traduziu quando eles mudaram o assunto para casos de viagens recentes que ambos apreciaram e conversa sobre suas crianças. Conversações mundanas, confortáveis salpicadas com sorrisos fáceis, até gargalhadas.

Se seu pai teve quaisquer reservas sobre esta viagem estrangeira secreta, aquelas preocupações evaporaram agora. E ele estava apreensivo, Melena admitiu. Ele tinha estado à beira da paranoia antes da reunião.

Ele se preocupou com traições em todo o lugar, tanto pânico infundado, mas era um palpite que ele não tinha como saber. Nascido com limitada habilidade premonitória, os palpites de seu pai, bons ou ruins, frequentemente se provaram verdade.

Todo vampiro da Raça possuía um talento sobrenatural único. O mesmo para Companheiras da Raça, como Melena, mulheres que nasceram com uma marca em forma de lua crescente com uma lágrima caindo em seu berço e se permitiam unir com um da Raça em ligação sanguínea mantendo-se jovem.

E era a habilidade extrassensorial de Melena que a trouxe seu junto de seu pai hoje à noite, mais que suas habilidades de tradução. Ela precisou ver Paolo Turati pessoalmente a fim de assegurar a seu pai das intenções do humano. E ela estava satisfeita. Signor Turati era um bom homem, um que podia ser confiável.

Melena estava contente que podia estar lá para acalmar as preocupações de seu pai, ainda que sua presença era desaprovada pelo macho da Raça que organizou as apresentações.

Enquanto durava a reunião, Lazaro Archer meditou em silêncio no opulento deck do mega iate, como se distraído da tormenta. Enquanto foi permitido que ela traduzisse tal qual Turati pedira, era óbvio que o macho Gen Um de cabelos negros não estava muito feliz com isto.

Não, ele estava furioso. Ele queria ela fora. E ela não precisou contar com sua habilidade extrassensorial para lhe dizer isso.

Do penetrante olhar azul dele, que tinha estado fixo nela todo tempo que ousou um olhar em sua direção, Melena se encontrou em uma situação em que ela não tinha absoluto controle.

Ela pessoalmente podia atestar a personalidade dominante do Lazaro Archer, um comportamento engajado. Ela o testemunhou em ação de primeira mão. Ela era só uma criança, mas dizer que ele havia somente deixado uma impressão, era eufemismo.

Vieram memórias de um frio inverno onde um atrevimento bobo deu terrivelmente errado. Ela ainda podia sentir a congelada água a engolfando. Podia ver a escuridão que encheu sua visão e como sua cabeça atingiu algo duro e afiado com a queda.

Preguiçosamente, Melena correu a pontas de seu dedo na cicatriz que corta sua sobrelha esquerda. Não percebeu que estavam falando com ela quando viu ambos, seu pai e Paolo Turati, a olhando em expectativa.

— Oh, Eu... eu sinto muito, — ela gaguejou, envergonhada por ter sido pega a deriva. Especialmente Lazaro Archer notando isto também. — Você repetiria a última parte, por favor? Eu quero estar certa em traduzir corretamente.

Seu pai riu. — Querida, eu somente perguntei se você gostaria de uma pausa. Nós estamos aqui por horas sem descanso. Estou certo que todos podíamos ter alguns minutos para relaxar um pouco.

— Claro, — ela respondeu, traduzindo para seu sorridente anfitrião.

Levantando do sofá antigo, ambos os homens permaneciam educadamente com ela. Lazaro Archer tomou a oportunidade para sair do salão. Ela o assistiu desaparecer pela escuridão.

— Você gostaria de vinho? — Turati perguntou, suas palavras em italiano ditas com orgulho enquanto ele gesticulava para uma coleção de garrafas em um gabinete iluminado na parede do salão. — Minha família possui três vinhedos, um com quase mil anos. Eu ficaria contente que se juntasse a mim para um de minha safra favorita.

Melena sorriu para ele. — Eu apreciaria muito, obrigada. Mas primeiro, gostaria de saber onde fica o banheiro, por favor?

— Certamente, certamente. — Turati apontou seu dedo no par de guarda-costas que obedientemente esperavam durante toda a noite. Em italiano, ele disse a Melena, — Passe pela porta e abaixo pela passagem existe um, minha querida. Gianni mostrará a você.

— Não, pode deixar. — Ela agitou sua cabeça, desacostumada com tanta bajulação e mais do que capaz de achar seu próprio caminho. — Obrigada, mas eu tenho certeza que posso encontrar sozinha. Me dão licença?

Com um olhar tranquilo para seu pai e um aceno com a cabeça para Turati, Melena saiu do salão. O banheiro era tão suntuoso quanto o salão, em dourado elegante e madeira elegantemente trabalhada, espelhos cintilantes, e uma riqueza de arte original em suas paredes.

Ao terminar, enxaguou suas mãos, e não se contendo verificou seu reflexo no vidro polido. Seu cabelo cobre estava levemente desarrumado pelo vento e espesso pela umidade marítima. Sua pele láctea salpicada pelas sardas que estendiam acima das maçãs de seu rosto até a ponta de seu nariz. E a aura que irradiava dela era cheia de sombras de verdes e ouro.

Esperança.

Determinação.

Ela tentou não notar o brilho lânguido rosa que aparecia abaixo das cores mais fortes de sua psique. Sua curiosidade sobre Lazaro Archer não tinha lugar aqui. Sua consciência dele como um tenebroso, e atraentemente perigoso macho. Ela veio para ajudar seu pai; Isso era tudo.

E, além disso, o representante da Ordem não lhe deu nenhuma razão para achar que ele até a notou esta noite, nada como um incômodo que estava ávido para se livrar na próxima oportunidade.

Toda vez que ela o olhava, ele estava encoberto em uma névoa cinza chumbo. Juntamente com seu intimidante olhar, o efeito devia ter sido suficiente para ela manter uma distância saudável.

Ao invés, quando deixou o banheiro, em lugar de retornar diretamente para o salão, Melena virou na direção oposta. Indo até popa do barco, para onde ela o viu ir.

Ele estava sozinho apoiado nas grades, na escuridão, uma figura estoica, proibitiva. Suas grandes mãos estavam abraçadas ao seu redor. Seu imenso corpo vestido de negro debruçou se ligeiramente para frente olhando o infinito ondular das águas.

Melena deu um passo calado em sua direção, então hesitou.

Isto era, provavelmente, uma ideia ruim. Ela devia estar de voltar lá dentro e focar no que deveria estar fazendo. Ela não tinha nenhum assunto com Lazaro Archer, ainda que existisse algo que ela tenha querido lhe dizer a noite toda. Por mais tempo que isto, na verdade.

Mas, por sua posição rígida, ela podia supor que ele não estava em bom humor para conversações. Muito menos com a intrusa que apareceu sem ser convidada e inadvertidamente desafiou sua autoridade na reunião.

Seu andar pausou, e Melena começou a virar para deixá-lo em sua solidão.

— Você foi bem lá. — Sua voz profunda a prendendo. Ele não se preocupou em olhar para ela, e embora o elogio fosse completamente inesperado, saiu mais como uma acusação rosnada.

— Obrigada. — Desde que não havia razão para evita-lo agora, ela cruzou o deck para juntar-se a ele na grade. — Eu gosto do Signor Turati. E tenho um bom pressentimento sobre esta reunião. Eu acho que meu pai fez um amigo verdadeiro aqui hoje à noite.

Lazaro grunhiu. — Eu não deixarei de informar a Lucan Thorne que você dá sua bênção.

Melena exalou um pequeno suspiro. — Eu não estou tentando minimizar a importância desta reunião. Entendo o que está em jogo.

— Não. Você possivelmente não entende. — Ele respondeu, finalmente virando sua cabeça para olhar desconfiadamente para ela.

Oh, Meu Deus. Se ela achava que Lazaro Archer era intimidante através do salão, de bem perto ele era apavorante. Seus olhos de um azul escuro reluziam como obsidianas ao luar, implacáveis abaixo de suas sobranceiras ébano. Seu nariz forte e maçãs do rosto marcadas davam a ele uma ferocidade que nenhum rosto humano podia ter, e seu queixo quadrado, e rígido parecia cortado em granito.

Só sua boca tinha algum elemento de suavidade, entretanto, assim que olhou para ela, seus lábios largos, e sensuais estavam em uma carranca irritada.

— Quantos anos você tem? — Ele exigiu.

— Vinte e nove.

Ele ridicularizou, seu escuro olhar dando-lhe uma revista. Baseado na força do tendão em sua mandíbula, ela achou que ele particularmente não gostou do que viu. — Você tem estado fora de suas fraldas tempo suficiente para entender o quão importante é ter paz entre a Raça e o gênero humano. Você era só uma criança quando o véu entre nosso mundo e o deles foi aberto. Você não andou pelas ruas com sangue. Você não viu a morte, a brutalidade infligida nos inocentes em ambos os lados desta guerra. — Ele xingou baixo agitando sua cabeça lentamente de um lado para outro. — Você possivelmente não pode compreender o quão fina é a linha que existe para evitar uma guerra muito mais feia agora. Muito menos saber que algumas pessoas tentarão rasgar essa linha em farrapos.

— Você está falando sobre a Opus Nostrum, — Melena disse. Um chama de surpresa estreitou naqueles olhos índigos. — Como assistente pessoal do meu pai, ele confia completamente em mim com todos os seus negócios da GNC. Eu coleto dados para ele. Resumo relatórios. Frequento a maior parte de suas reuniões, como também componho a maioria de seus discursos. E também sou sua filha, então claro, estou bem ciente da tentativa de bombardeio algumas semanas atrás. Eu sei que Opus quis tomar muitas vidas naquele evento, Raça e humanos. Eu também sei que o objetivo primário da Ordem agora é desmascarar os membros dessa conspiração secreta e derrotar esse grupo de terror.

Lazaro grunhiu, mas não pareceu impressionado. — Se você veio aqui para citar suas credenciais, Senhorita Walsh, vou lhe poupar o esforço.

— Você desafiou-me para lhe dizer, — ela assinalou.

— E tudo o que fez foi confirmar o que eu já sabia sobre você. Eu tenho um trabalho para fazer aqui também, e você está em meu caminho a noite toda. — Ele virou de relance para a água. — Estou certo que seu charme achará um público muito mais receptivo de volta ao salão.

Charme? Isso desdenhava ao fato que ela tinha curvas e uma silhueta, ou ele possivelmente podia confirmar que a achou pouco interessante?

— Eu não vim aqui para... Jesus, não importa, — ela gaguejou. — Perdoe-me por perturbar você. — Frustrada, Melena empurrou a grade de volta. Ela começou a se virar, então pausou. Olhando-o uma última vez, queimando de raiva. — Nós nos conhecemos, sabe. Você não se lembra.

O porquê de ela estar realmente chateada não quis considerar. Quando ele não respondeu depois de um longo momento, ela decidiu que era provavelmente o melhor. Deus sabia, ela estaria em melhor situação esquecendo a noite em que quase morreu também.

Ela girou e voltou através do deck.

— Eu lembro de uma criança imprudente fazendo algo estúpido, — ele murmurou. — Uma tola menina, que sabia exatamente que não devia estar lá.

Assim como ele a considerava agora, ela pensou, eriçando-se no comentário.

— Eu tinha sete anos, — Melena respondeu, olhando através de seu ombro. Lazaro não moveu de sua posição, estava ainda observando a água preta. — Eu tinha sete anos de idade, e você salvou minha vida. Eu estaria morta se não fosse por você.

— Salvei você? Cristo! — Ele nitidamente exalou, como se a ideia aborrecesse ele. — Eu não tenho o hábito de salvar ninguém.

Algo sobre o modo que ele disse isto, a quietude de seu tom, e as palavras quase cruas a fizeram virar para ele. Ela esfregou um calafrio de seus braços com a memória de seu acidente vindo com terror fresco.

— Bem, você me salvou. Você me puxou daquela lagoa congelada e salvou minha vida. — Ele não a olhava de modo algum, dificilmente reconhecendo que ela retornou. — Minha família estava em Boston, visitando em seu Darkhaven. Um grupo de crianças estava brincando do lado de fora aquela noite, principalmente meninos, seu netos e sobrinhos jovens e meu irmão mais velho, Derek. Diferentemente de mim, eles eram todos Raça, e como a única menina com eles, precisei de tudo para acompanhá-los.

Às vezes ela se sentia ainda competindo, ainda lutando para provar seu valor em tudo que fazia. Ela percebeu que exigia dos outros em padrões impossíveis também. Seus pais a avisaram disto em numerosas ocasiões. Tendo também alguns de seus ex.

Agora estava ela aqui, forçando esse homem arrogante a se lembrar da coisa mais estúpida que ela já fizera em sua vida.

Melena alarga um suspiro suave próximo a Lazaro mais uma vez. — Os meninos não me queriam lá com eles na lagoa, mas eu os segui de qualquer maneira. Eles desafiavam um ao outro para caminhar mais e mais distante sobre o gelo.

— Idiotas, todos eles, — Lazaro murmurou. — O inverno veio tarde aquele ano. A lagoa ainda não tinha congelado no meio.

— Sim, — ela concordou. — E estava muito escuro naquela noite. Eu não percebi que o gelo não me seguraria até que já era muito tarde. Eu andei sobre uma fina camada, e quebrou abaixo de mim.

O xingamento que Lazaro proferiu foi violento. Mas o olhar que ele finalmente deu a ela era estranhamente tenro, assombroso. Para seu completo choque, ele a alcançou e colocou seu dedo polegar acima de sua sobrancelha cicatrizada. — Você bateu sua cabeça em algo.

— A extremidade do gelo era dentada, — ela murmurou, sua garganta um pouco seca pelo mero segundo que seu toque demorou em seu rosto. Quando a mão dele saiu, ela estremeceu, não de frio. — Eu afundei muito depressa. Meu Deus, a água estava tão fria. Eu dificilmente podia mover meus membros. Eu me apavorei. Não podia ver qualquer coisa. Quando tentei nadar de volta para cima, percebi que estava presa debaixo do gelo.

Lazaro estava escutando atentamente agora, sua expressão impossível ler. E sua aura proibitiva também, a névoa cinza obscurecendo as extremidades de seus ombros largos e braços fortes, circulando seu rosto perigosamente bonito assim como uma nuvem que se choca contra a escuridão da noite.

— Eu me lembro que tudo começou a ficar preto, — Melena disse. — E então... você estava lá. Na água comigo, puxando-me para a superfície. Você mergulhou naquela lagoa frígida e procurou até que me achou. Então você me trouxe para seu Darkhaven.

— Você estava sangrando, — ele disse, seu olhar retornando a cicatriz deixada acima de seu olho.

Melena movimentou a cabeça. — Sua Companheira, Ellie, ajudou minha mãe a me remendar.

Ambas as mulheres tinham morrido agora. A mãe adotiva de Melena, Companheira de Byron Walsh, Frances, havia sido morta em um insensato acidente de carro alguns anos atrás. A bondosa companheira de Lazaro, Eleanor, sofreu um fim muito mais brutal. Morreu uns anos depois que Melena a conheceu, junto com o resto da família do Lazaro que estavam em casa no Darkhaven de Boston na noite do horroroso ataque.

Seu olhar endureceu, indo para longe com a menção de sua companheira perdida. Levou quase todo autocontrole de Melena se afastar de oferecer conforto para ele agora.

Se não achasse que ele bateria em seus dedos, ela poderia ter feito bravamente, apesar de seu olhar fixo.

E ainda, existia algo mais em seus olhos quando ele olhou para ela. Tanto quanto ela era ciente dele hoje à noite, não poderia parar de pensar que ele também estava ciente dela. Não como a menina infeliz que ele pescou da lagoa congelada, nem mesmo como a crescida filha de um colega e amigo.

Ele estava aborrecido com ela hoje à noite, com toda certeza. Dada uma escolha, ele provavelmente ainda preferiria que ela fosse embora. Mas Lazaro Archer também olhava para ela do modo que um homem olha para uma mulher. E ela não podia negar que seu interesse a fazia pulsar rapidamente.

— O que você está fazendo aqui, Melena? — Sua pergunta áspera a pegou desprevenida.

Ela sabia a resposta? Ela encolheu os ombros lamentando. — Eu acho... somente... não acho que já tive a chance de agradecer.

— Não. — Ele virou sua cabeça ligeiramente, aqueles astutos olhos a estreitando e a desestabilizando. — Eu quero dizer, o que você está fazendo aqui nesta reunião? Como uma qualificada intérprete como é, acho que nós dois sabemos que existe algo que não está dizendo.

Ela o olhou fixamente, perguntando-se como ele foi de olhar para ela com desejo, talvez até beijá-la, à alfineta-la com um olhar. Talvez ele não a tenha ignorado a noite toda, mas caladamente estava a avaliando, até mesmo agora.

Parte dela queria lhe dizer a verdade. Que ela tem sido como uma apólice de seguros psíquica, certificando que seu pai não caminhasse em uma armadilha com Turati ou seus homens, não importando que garantias a Ordem dera. Lazaro ficaria furioso ouvindo isto, sem dúvida. Que ela e seu pai desafiaram os protocolos diplomáticos para a inserir em uma reunião secreta importante sem o conhecimento ou permissão da Ordem ou o GNC? Ela não queria considerar as ramificações disto, para ela ou seu pai.

E de qualquer maneira, não era seu dever verbalizar os medos ou suspeitas de seu pai, nem mesmo para Lazaro Archer. Se quaisquer dos colegas de Byron Walsh soubessem como sua paranoia ultimamente cresceu, ele seguramente perderia sua posição no Conselho. Seu pai vivia para seu trabalho, e não seria Melena que arriscaria perder isso.

— Eu não sei o que você quer dizer, — ela murmurou, odiando que teve que enganar Lazaro. — E realmente deveria voltar para dentro agora.

— Você está o protegendo. Do quê? — Lazaro pegou a em seus braços, a prevenindo de escapar de seu questionador olhar ou perguntas. Suas mãos grandes a agarraram firmemente, dedos fortes a chamuscando com o calor de seu toque. — O que seu pai está tentando esconder?

— Nada, eu juro.

Ele não estava acreditando. Raiva relampejada em seus olhos. Atrás de seu lábio superior cheio, ela visualizou os pontos afiados de seus caninos. — Me diga do que ele tem medo, Melena. Diga-me agora, antes de eu entrar lá e arrastar sua bunda aqui fora para me dizer ele mesmo.

— Não é nada, — ela insistiu, descobrindo ser impossível sair do abraço de Lazaro ou fugir de seu olhar fixo. — Não importa de qualquer maneira. Ele não teve nenhuma razão para ter medo hoje à noite. As intenções do Turati são boas, ele não tem má intenção.

Ela não pôde terminar o que estava dizendo por que naquele mesmo momento, Lazaro ficou tenso. Sua cabeça arrebatando, os olhos procurando no céu escuro. Algum sangue de seu rosto se drenou em uma fração de segundo.

— Porra, — ele rosnou, seu abraço apertando Melena. — Merda, não!

Ele atirou-se em movimento, a agarrando protetoramente. Seus braços embrulhados ao redor dela. Ele então se jogou junto a ela acima da grade do deck.

No mesmo momento em que um objeto em seta veio do céu.

Batendo no iate, em uma certa colisão.

O navio explodiu. No estrondo ensurdecido do impacto, Melena colidiu nas duras ondas junto de Lazaro. Engolfada pelo frio, horrorizada com o que estava vendo, todo o ar deixou seus pulmões em um grito angustiado. Ela tentou escapar, mas Lazaro a segurou forte, recusando-se a de nadar de volta até seu pai.

Juntos ela e Lazaro afundaram no fundo da água, caindo, abaixo, e abaixo...

Acima deles, uma bola de chamas infernal estourava na superfície. Os pedaços de escombros se soltaram no mar em todos lugares que ela olhava.

Existia só arruína lá em cima.

O iate e todos os seus ocupantes estavam extintos em um instante.

CAPÍTULO 03

Pela suposição de Lazaro, eles tinham estado na água por aproximadamente duas horas antes que avistassem o precipício em Anzio, na orla. Sangrando por ferimentos de estilhaço e danificado pela jornada longa, ele estava perto do esgotamento, mesmo até com a força e velocidade sobrenaturais da Raça.

Melena estava muito pior. Ela estava flácida contra ele, tendo estado inconsciente desde o meio do caminho. Embora ela não fosse completamente mortal, seu metabolismo humano não podia lidar com a exposição prolongada na água fria.

Em consideração, Lazaro era muito afortunado. Ser Raça dava a ele outra vantagem. A mesma que permitiu que puxasse Melena fora da lagoa congelada vinte e dois anos atrás. Sua habilidade em resistir temperaturas de frio extremo dera a ele a força para procura-la embaixo do gelo puxando-a em segurança antes de ela afogar.

Ele esperava que não a tivesse perdido esta noite.

Lazaro a segurou firme enquanto remava os últimos metros com seu braço livre. Assim que seus pés podiam tocar o chão, ele reposicionou Melena em ambos os braços e correu em direção à praia vazia e enlutarada.

Os precipícios vultosos que enfileiravam a orla apareceram adiante. Várias cavernas grandes estavam escavadas nas pedras, negras, com declives que uma vez tinham sido parte do império romano antigo, há mais de mil anos. Lazaro levou Melena para uma das cavernas, passando por um amontoado de pedras e charcos ásperos até chegar a um lugar onde a areia era suave e seca sob os pés.

Com ela em seus braços, ele não evitou o pensamento da noite em que levou uma inanimada menina para o seu Darkhaven em Boston. Ele se lembrou de todos os minutos disto, apesar da indiferença que fingiu com Melena mais cedo no iate. Ela era uma criança de sete anos de idade na primeira, e última vez que a viu antes de hoje à noite. Antes, ela era tão impotente e frágil quanto um bebê pássaro. Ele a salvou do mesmo modo que teria feito para qualquer criança inocente.

Mas agora...

Agora, Melena Walsh era uma mulher crescida. Ela era a mulher mais atraente que ele já vira, muito mais, com seu rosto adorável e espesso cabelo vermelho, com todas as suaves, e femininas curvas que cativavam seus olhos enquanto ele cuidadosamente descia o corpo desmaiado, e gelado dela na areia.

E tão ferozmente quanto ele quis salvar sua vida em Boston, ele quis novamente agora.

Não que a mais importante de suas razões fosse saber qual segredo ela estava mantendo dele. Ela estava à beira de lhe dizer nos segundos anteriores ao iate ser explodido em pedaços. Se

aquele segredo tinha qualquer coisa a ver com o ataque de hoje, ele teria Melena respondendo por isto.

Lazaro sentiu que a Opus Nostrum estava atrás desse ato descarado. Quem pensou isso sabia quando e onde atingir. Mas como eles souberam? Ambas os grupos foram meticulosamente checados pela Ordem. Lazaro pessoalmente controlou todos os envolvidos, até o último homem na tripulação do iate esta noite. Ele aprovou todos.

Exceto Melena Walsh.

Ele a observou na escuridão de caverna, seus olhos da Raça a vendo tão claramente quanto ao meio-dia. Ela era bonita, incrivelmente muito bonita. Ela era equilibrada, inteligente, e erudita. E ele viu ela jogar seu charme sem esforço para Turati e os outros homens na reunião.

Lazaro não podia negar ter sido igualmente afetado. Mais que afetado, apesar de sua resistência em admitir. Uma mulher como Melena seria uma atuante mortal, se aliada com as pessoas erradas.

Ele não quis pensar nela como seu inimigo, intencionalmente ou não.

O fato de ela quase ter seria morta hoje, junto com todos outros fez impossível imaginar se sua presença no iate tinha relação com a catástrofe.

Ela diria a ele a verdade, mas primeiro ele tinha de ter certeza que ela estava viva.

Lazaro fez uma careta ao olhar para sua condição encharcada, e contundida. A saia estava cortada em tiras, seus sapatos perdidos em algum lugar entre o iate e a orla. Sua blusa Borgonha estava em farrapos, suja com algas... e sangue. Felizmente, a maior parte dele.

O cabelo dela caia no rosto. Lazaro alisou para fora algumas mechas vermelhas e encharcadas, dizendo um xingamento baixo quando viu o quão branca a pele dela era. Seus lábios estavam frouxos, com uma alarmante cor azul. Ela tinha contusões em sua testa e queixo. Sangue de um ferimento na cabeça descia em um rastro vermelho forte abaixo em seu rosto.

Porra.

Sua visão afiada naquela fina linha escarlate, tudo que era Raça nele respondendo com interesse agudo, inumano. O fato de ela ser Companheira fez o sangue dela ser uma tentação exponencialmente maior para um de seu tipo.

O sangue da Melena tinha uma fragrância sutil de caramelo e algo mais doce... *Cerejas escuras*, Lazaro se decidiu, seus pulmões imergindo em uma respiração mais profunda embora sendo um tormento para seus sentidos.

Seus caninos saiam de suas gengivas, pulsando contra a linha firmemente fechada de seus lábios. Sua visão um pouco mais afiada, sua íris brilhando âmbar tão forte que banhou sua palidez em luz morna. Sua própria pele picada com a onda súbita de calor em suas veias.

Se Melena abrisse seus olhos agora, ela o veria completamente transformado em um sanguinário ser de outro mundo, o que ele verdadeiramente era.

Se ela abrisse seus bonitos olhos verdes claros, ela saberia que seu desejo não parava só em seu sangue. Ele não quis lembrar que tipo de criatura era que podia sentir luxúria e ansiar uma mulher contundida, sangrando que perdeu seu pai e quase sua própria vida também.

A verdade era, que ele havia sentido estes mesmos impulsos lá também. Ele só não quis admitir isto.

Por tudo que ele sabia, ela poderia pertencer a outro macho Raça. Inferno, ela já podia estar ligada por sangue com alguém, um pensamento que devia ter o aliviado, mas em lugar o deixou irritado. Isso era sem sentido de se perguntar, antes ou agora. Ele não queria agir por impulso com qualquer necessidade não desejada. Muito menos com uma mulher que tinha a marca de Companheira.

Desde a morte de Ellie, ele achou outras mulheres para servi-lo quando exigido. As humanas entenderam os limites de seu interesse. Mais importante, humanas que ele podia se alimentar sem a ligação de um laço de sangue.

Ao invés estava ele, preso ao salvamento e custódia de uma mulher que ele não completamente confiava e não tinha nenhum direito em desejar.

Com uma maldição áspera, ignorando o pedido de suas veias, ele tirou sua camisa preta de combate e agachou-se na areia ao lado de Melena. Ela gemeu suavemente quando ele embrulhou seus braços ao redor dela. Um suspiro rouco que ela instintivamente deu adicionava um tormento que ele não precisava.

Sua mandíbula apertada, pulso martelando com fome crua, Lazaro então puxou Melena em seu tórax desnudo para lhe dar o calor corporal que ela tanto precisava.

CAPÍTULO 04

Ela despertou de um frio pesadelo sem fim, com um grito engasgado em sua garganta. Ela não conseguia se forçar a falar, e quando ela tentou um suspiro de ar, seus pulmões pareciam em pedaços.

Não, não seus pulmões.

Seu coração.

Tudo voltou, os detalhes do ocorrido voltaram. A explosão. O fogo e escombros. O frio, água negra.

Seu pai...

Não, ele não podia ter morrido. Seu amável e decente pai, um forte macho Raça, não pode ter partido.

Traído, assassinado. Como ele temia.

Seu pai estava morto.

Alguma parte racional dela soube que não existia outra possibilidade, mas aceitar machucava demais.

Ela tentou se mover, mas se encontrava presa em um casulo quente. Braços espessos a cercando. Braços cobertos com dermoglifos. O elaborado padrão de marcas na pele só podia pertencer a um homem.

— Você está bem, Melena. — A voz funda de Lazaro soou contra sua orelha. — Fique deitada. Você precisa descansar.

Ela o sentiu respirando, seu calor corporal ao redor dela. E Deus, ela precisava daquele calor e segurança. Todo seu corpo queria se afundar, fechar os olhos e dormir. *Tente esquecer...*

Mas seu pai estava lá fora na escuridão. Deixado na água frígida, enquanto ela estava segura e protegida nos braços de Lazaro.

Ela abriu seus olhos e deu uma olhada no ambiente sem luz ao redor deles. Ela sentia cheiro de mar e pedras molhadas. Sentiu areia suave em baixo dela.

— Onde nós estamos? — Suas palavras saíram como um coaxar. Ela tragou sal e fuligem, e tentou se separar do conforto que não podia apreciar. Doía por toda parte. Mal podia apenas mover seus membros.

— Eu trouxe você para Anzio. Nós estamos em uma caverna nas ruínas da vila do Nero.

Ela não tinha nenhuma ideia onde era isso, só que devia ser a uma boa distância do iate. — Quanto tempo nós temos estado aqui?

— Algumas horas.

Um pânico irracional veio dela. — Por que você me deixou dormir por tanto tempo? Nós devíamos estar lá fora, procurando por eles!

Seu xingamento em resposta vibrou contra sua coluna. — Melena...

— Eu tenho que levantar. Nós temos que voltar para ele, Lazaro. Para todos eles.

Com uma explosão de adrenalina, ela conseguiu escapar de seu abraço. Ela se sentou, registrando vagamente que sua roupa estava úmida e arruinada, rasgada em mais lugares que estava junto.

E Lazaro estava só meio vestido. Somente suas calças pretas, e em farrapos também. Nenhuma camisa em seu tórax musculoso e coberto de glifos. Existiam numerosas contusões em seu torso e ombros. Quando ele se sentou, ela notou também um corte em sua coxa sangrava pelo material de suas calças.

— Não existe nenhuma razão para voltar, Melena. Não há nenhuma chance de ter sobreviventes.

Ela não quis escutá-lo e confirmar o terror que havia dentro dela. — Não! Você está errado! — Ela se levantou desajeitadamente e hesitou em seus pés. Lazaro permaneceu com ela, a pegando pelos braços antes de suas pernas lentas se enrolarem. Ela não tinha forças para sair de seu aperto novamente. — Você tem que estar errado. Eu tenho que voltar e encontrá-lo. Meu pai...

Lazaro agitou sua cabeça. Seu bonito rosto o olhava com condolência e algo mais escuro. — Eu sinto muito, Melena. A mira do projétil foi certa. Não existe mais nada lá.

Um pouco de sua histeria diminuiu com seu olhar fixo sombrio. Ela não podia mais conter o pesar, as lágrimas. Tudo isso a inundou em um feio, e soluçante choro. E então seus joelhos desabaram, e ela afundou de volta até o chão arenoso da caverna.

As mãos mornas de Lazaro ainda estavam ao seu redor enquanto ele abaixava na frente dela. Ela não podia parar a angústia, não mais do que ela podia se afastar de seus braços, ela o agarrava à mesma medida que lamentava.

Ele a segurou lá, por tanto tempo, que ela nem soube.

Ela só soube depois que não podia mais chorar, ou se machucar de qualquer jeito, que ele ainda a segurava. Ainda lhe mantendo para cima quando o resto de seu mundo desintegrava ao seu redor.

— Por quê? — Ela murmurou em seu ombro. — Meu Deus, ele sabia disto. Ele estava com tanto medo de morrer logo. Quem faria isto para ele? Por quê?

Lazaro suavemente a afastou dele, suas sobrancelhas de ébano em uma carranca apertada. — Seu pai temia por sua vida? — Confusão relampejada em seu rosto, e então se transformou em

suspeita. — Porra. Por que ele não disse isto a mim? Nós nos falamos diversas vezes antes da reunião. Ele teve bastante oportunidade para dizer algo caso sentisse que estava em perigo.

Melena agitou sua cabeça, em tristeza — Ele não sabia em quem confiar. Ele havia tido premonições, sentido algum tipo de traição. Ele sabia que morreria logo. Ele não sabia quando, ou onde a traição aconteceria. Ele não estava seguro com ninguém mais.

— Nem mesmo comigo, — Lazaro respondeu. — Jesus Cristo, por que ele não cancelou a maldita reunião? Ele podia ter dado qualquer desculpa.

— Eu disse a ele a mesma coisa. Mas isso era muito importante. E ele não sabia o que aconteceria hoje à noite. Nem um de nós. — Ela se lembrou dos momentos que gastaram com Paolo Turati. Ela não descobriu nenhum esquema escondido. Nenhuma duplicidade ou intenções prejudiciais em quaisquer um deles.

Lazaro a estudava em silêncio. — Você precisa me dizer a verdade, Melena. Começando com por que seu pai trouxe você hoje à noite.

Ela deu a ele um aceno com a cabeça. Não existia mais razão para esconder. Seu pai se foi. Ele tinha nada a perder caso sua paranoia se tornasse pública. Melena não precisava mais protegê-lo. — Eu tenho viajado com ele para todos lugares, por meses. Ele não podia, ele não conseguia aguentar, — ela se corrigiu, — ir a qualquer lugar a menos que eu estivesse lá para assegurar ninguém queria lhe infligir dano.

— Como?

— Você estava certo que não era somente minhas habilidades em tradução que me trouxeram aqui hoje à noite. Era minha habilidade de ver a auras das pessoas. Eu posso dizer se as intenções de alguém são boas ou não.

— Seu dom como Companheira da Raça, — Lazaro murmurou. Parecia ter um rastro de alívio em seu tom. — Então, quando você olhou para Turati e os outros no iate hoje à noite?

Ela agitou sua cabeça. — Não existia nada para temer de nenhum deles.

— Seu pai verbalizou suas preocupações para alguns de seus colegas no GNC?

— Não.

— Qualquer um fora do Conselho?

— Ninguém, — ela respondeu, certa disto.

Lazaro grunhiu, e ela podia ver seus olhos distantes e sua mente agitando com as informações. Ela soube que ele e a Ordem não deixariam este ataque de lado e existia uma parte vingativa nela que gostaria de ver o culpado torturado em todo centímetro de sua sádica, e covarde vida.

— Faça pagarem, Lazaro.

— Eles irão, — ele solenemente respondeu. — Qualquer um que colocou a mão nisso, será achado. Existirá justiça.

Suas lágrimas recomeçaram, mas estavam mais quietas agora, cheias de ira e luto. Ela não estava preparada para o toque tenro de Lazaro. Ela segurou sua respiração quando ele pegou seu queixo com as pontas dos dedos e o ergueu para ele. Ele acariciou sua bochecha, seu dedo polegar trilhava suas lágrimas.

Ela podia sentir que sua ternura era mais que mera preocupação.

Ela podia ver a evidência daquela verdade no brilho âmbar que iluminava sua íris safira. Ela podia ver em seu dermoglifos, que brilhavam em cores escuras em todos os musculosos centímetros de seu torso e braços, os redemoinhos e arcos dos glifos mudando de nuance a seus olhos.

E se tudo isso não fosse suficiente, ela podia ver sua aura, que formou um ardente brilho ao redor dele, confirmando o fato surpreendente.

Lazaro Archer a queria.

Mais cedo que pensava ele se debruçou e escovou seus lábios nela. Sua respiração já era trêmula e fina, mas com sua boca apertada contra a dela, quase sem ar, deu um gemido lento. O beijo foi tenro, cuidadoso, sem dúvida era para consolar ou acalmar.

Fez ambos, mas também a inflamou.

Calor percorria nela sentindo suas bocas juntas. Não quis sentir isto, não agora, não quando seu coração ainda estava quebrado com a perda de seu pai e o medo ainda a envolvia.

Mas os braços de Lazaro eram mais fortes que tudo isto. Seu gentil, mas crescente, beijo a fez derreter contra ele com um desejo que ela dificilmente podia negar.

E ele terminou muito cedo para seu gosto.

Suas pupilas da Raça estreitaram para linhas verticais finas. E quando ele falou uma maldição, as pontas de seus caninos cintilavam brancos e afiados.

— Porra. — Ele a deixou. — Isso não deveria ter acontecido. Eu peço desculpas.

— Não precisa, — ela sussurrou. O desejo rolava por suas veias, sem ser convidado, mas muito poderoso para ser negado. — Eu não me importei, Lazaro. Eu... gostei.

— Cristo, não diga isto. — Ele suspirou severamente, então recuou dela como se também o queimasse, e não no modo bom em que ele a acendeu. — Você não quis dizer isso para mim, Melena. Para o nosso bem.

Ele ficou parado em silêncio abrupto. Como ele permaneceu assim, ela notou que o corte em sua coxa estava ainda sangrando. Enquanto ele cuidava dela nas horas passadas, ele negligenciou seus próprios cuidados. Ele parecia alheio à isto, caminhando para examinar uma

unidade de comunicação que estava em uma pedra próxima. Ele agitou o dispositivo, e xingava enquanto o sacudia.

— Esse ferimento em sua perna precisa de atenção, Lazaro. — Ele era Raça, além disso era Gen Um também. Ela sabia que seu corpo curaria rapidamente, mas até um vampiro precisa de ajuda às vezes. — Você precisa se alimentar logo.

— Isto é um convite, Senhorita Walsh? — A unidade de comunicação apertada em seu punho, ele rosnou, mostrando seus dentes e caninos. Deus, eles eram enormes. Apavorantes, e ele sabia disso. Sua aura ferveu tão ameaçadora quanto o resto dele. Quando ela recuou horrorizada de onde estava sentada, ele deu uma risada sombria. — Não, eu não achei. Menina esperta. Faça a ambos um favor e não se preocupe com o que eu preciso.

Sua raiva a confundiu, quase tanto como a ternura inesperada de um momento atrás. E o fato de ele querer se afastar quando era a única razão para ela estar viva agora meio que a chateava também. Ela levantou-se, recusando a ser intimidada por seu exagero.

— Por que eu não devia me preocupar? Você só salvou minha vida, pela segunda vez, na verdade. Então, perdoe-me por me importar com você só um pouco.

Quando ele a ridicularizou e andou a passos largos para longe, ela o seguiu. Quando botou a mão em seu ombro, ele virou em direção a ela com um silvar. — Só porque você está viva, não significa que está segura comigo. Não cometa o engano de achar que sou algum tipo de herói.

Ele não lhe deu oportunidade para responder. Em um furioso olhar, ele virou em direção à boca da caverna. — Fique aqui. Eu vou tratar de enviar um sinal e nos tirar daqui.

Melena o assistiu sumir na escuridão, seu beijo ainda aquecia seus lábios e suas severas palavras ainda tocavam suas orelhas.

Não cometa o engano de pensar que eu sou algum tipo de herói.

Ele não sabia? Ela tem pensado nele deste modo a maior parte de sua vida.

CAPÍTULO 05

Um dos colegas de Lazaro apareceu menos de uma hora depois para pega-los em um grande SUV preto. Melena foi rapidamente apresentada para o guerreiro da Raça que os levava, um macho com cachos dourados, covinhas e sorriso de modelo que suavizava sua forte mandíbula. Ela achou que ele se apresentou como Savage, mas em sua opinião, ele parecia mais como um anjo caído. Se anjos caídos vestissem equipamento de combate e estivessem cobertos com lâminas e armas de fogo pesadas.

O guerreiro estava ciente de quem ela era e como veio parar na companhia do seu chefe, embora ele não tivesse perguntado nada. Era óbvio pelo silêncio de Lazaro que conversas com ela não eram encorajadas e muito menos bem-vindas.

Então estavam seguindo para Roma

Mais especificamente, o centro de comando da Ordem naquela cidade.

Melena tentou não bocejar quando ela percebeu onde Lazaro a levou. Nem a visão iluminada do Coliseu ou do Panteão a inspirou um segundo olhar a esses monumentos, mas quando o SUV parou no portão da segura mansão que ficava no coração da cidade, Melena não pode se conter e sentou-se um pouco mais reta em sua cadeira segurando sua respiração.

A imponente mansão de tijolo branco com seu elegante detalhamento em mármore esculpido e bronze velho parecia tão atemporal quanto a cidade ao redor. Mas não demorou muito para perceber que as antiguidades terminavam ali. Era uma fortaleza moderna, bonita, robusta e impenetrável. Dentro do volumoso portão, sensores de movimento seguiam o progresso do SUV em direção a uma garagem subterrânea.

Uma vez que saíram do veículo, Lazaro severamente a instruiu a segui-lo. O guerreiro que dirigiu para eles ficou para trás, deixando-a só com duvidoso cuidado de seu chefe.

Lazaro seguiu não pela porta normal, mas para outra ala da propriedade que parecia ser aonde os guerreiros conduziram negócios da Ordem. Ela ouviu dois machos verbalizando em um dos quartos onde passaram, mas sua escolta não diminuiu a velocidade do passo.

Realmente, parecia que ele não podia livrar-se dela rápido o suficiente.

Alguns minutos mais tarde, Melena estava em um abandonado quarto que parecia ser a enfermaria. O pequeno espaço tinha uma cama dura onde se sentara, e próxima a ela uma única cadeira. A fachada de armários de vidro estava na parede oposta e parecia alojar bandagens e outros materiais.

Ela não estava certa quanto tempo esperou lá, sentindo-se desajeitada e não desejada na casa de Lazaro. Em certo ponto ela cochilou, ainda exausta do sofrimento e pesar que passou. Às vezes, ela olhava em direção à janela e via guerreiros andando a passos largos. O magnífico loiro que a trouxe sorriu pelo vidro quando caminhou por lá. Outro macho de Raça, um guerreiro mal

encarado com a cabeça raspada e uma cicatriz facial dentada que parecia ser mais selvagem, que seu amigável camarada de próprio nome, nem mesmo lhe deu um olhar desinteressado.

Mas foi um guerreiro completamente diferente que finalmente entrou no quarto. Pesado e imenso, ele tinha uma juba com ondas marrons na altura dos ombros e bronzeado da cor do sol. Olhos azul-celeste a analisavam em seu rosto bonito e exótico. — Melena. Como você está? — Tão grande e imponente quanto era, ele de alguma maneira moveu-se com uma graça fácil, um andar felino em sua direção. Sua voz era rica, funda e culta. — Eu sou Jehan.

— Prazer em conhecê-lo, — ela respondeu, seus bons modos em piloto automático.

— O Chefe Archer mandou que eu visse se seus danos precisam ser atendidos. Eu devo me desculpar, pois não somos equipados para tratar humanos, mas eu posso conseguir remédio para sua dor. Existem também unguentos que posso preparar para que as contusões se curem mais rápido.

Melena negou com a cabeça. — Obrigada, mas não. — Comparada à dor de seu pesar e medo, e com o esgotamento prolongado de que ela suspeitou ser hipotermia, suas coloridas contusões e cortes eram um assunto secundário. — Eu sou certa.

Ele a olhava cético, dobrando seu braço musculoso e coberto de glifos acima de seu tórax. — Você passou por bastante coisa. Você está certa de que não existe nada que precise?

Melena deu um vago encolher os ombros. Ela não estava certa de qualquer coisa no momento. Uma parte dela queria fugir pela porta e achar a saída mais rápida deste pesadelo, até sua casa em Maryland. Outra parte sua somente queria rastejar debaixo das coberturas da cama e gritar.

— Eu sei que isto não é fácil, — Jehan disse, preocupação genuína em sua voz baixa. — E sinto muito pela sua perda.

— Obrigada. — Embora fosse bem versada em múltiplos idiomas, ela não entendeu seu sotaque incomum. Seu nome era em francês antigo, se ela não se enganou, mas o modo formal que ele carregava e o modo como falava era curioso. — De onde você é, Jehan?

— Por aí, — ele respondeu enigmaticamente. — É acento marroquino que você ouve em minha voz. Pátria do meu pai.

Isso explicava tudo. Ele tinha o tipo de voz que a fazia imaginar planícies desertas enlauradas e a fragrância picante de incenso. — Sua mãe não era marroquina, entretanto?

— Nascida e criada em Paris, — ele confirmou, sua boca sensual curvando nos cantos. — Ela e meu pai se encontraram na França. Depois que eles viraram companheiros, ele a trouxe para o Darkhaven de nossa tribo no país dele.

— Sua tribo?

As sobrancelhas escuras de Jehan torceram para cima. — Uma relíquia de termo. — Ele encolheu os ombros, mas algo misterioso ardia em seu hipnotizante olhar. — A linha da Raça de

meu pai é muito velha. Suas raízes aprofundam em terra marroquina. Escavadas muito profundamente.

— E você? — Melena perguntou, genuinamente curiosa.

Jehan elegantemente inclinou sua cabeça. — Para remorso eterno do meu pai, os pés de seu primogênito recusaram-se a ficar para trás. Apesar das muitas obrigações que ele distribuiu.

Enquanto falavam, a porta abriu novamente e o guerreiro loiro entrou. Ele sorriu, seus olhos castanhos passando por Jehan e um segundo depois se fixando em Melena. — Eu vejo que Príncipe Jehan já está tentando lhe deslumbrar com sua longa e chata genealogia.

Melena balançou a cabeça em questionamento para o enigmático guerreiro. — Príncipe?

Jehan grunhiu baixo, mas não negou. — O que você está fazendo aqui, Sav? Você sabe malditamente bem que as ordens de Lazaro eram de que ninguém entre neste quarto ou fale com Melena sem sua permissão.

Melena quis se ofender pelas novidades do dominante comandante Archer, mas suas duas visitas eram uma distração bem-vinda de tudo que aconteceu. Não menos ofendida com a rejeição afiada de Lazaro Archer na caverna. Um sofrimento que machucou mais com sua ternura quando ele a tocou... a beijou.

— Nós não fomos corretamente apresentados, — Sav disse. — Ettore Roberto Selvaggio.

Suas covinhas apareceram junto com seu sorriso matador. Seu sotaque italiano pareceu mais afundado, o tipo de sotaque que provavelmente assegurou que ele nunca precisava de companhia feminina.

— Melena Walsh, — ela respondeu. — Eu achei que ouvi Lazaro chamar-lhe de Savage.

— Lazaro? — Ele ecoou.

Ela sentiu cor subir para suas bochechas. — Seu chefe. Sr. Archer. Qualquer jeito que eu deva chamá-lo, — ela murmurou. O homem que salvou sua vida, despertou um desejo irresistível nela, mas a fez sentir como se ele poderia tê-la deixado para trás em Anzio algumas horas atrás. — Eu acho que ele me menospreza.

Os dois machos de Raça trocaram um olhar. Jehan foi o primeiro a falar. — Não deixe ele assustar você. É só seu jeito.

— Vamos, homem, — seu colega disse. — Vai um pouco mais fundo que isto.

Melena virou o olhar em ambos. — O que você quer dizer?

— O que eu ouvi, Archer não tem sido o mesmo desde que perdeu sua família vinte anos atrás, em Boston, — Sav disse. — Ele se culpa, eu imagino.

— Por que ele faria isto? — Ela não poderia imaginar que Lazaro se sentia mesmo responsável pelo acontecido com sua família. — O Darkhaven foi atacado enquanto ele não estava em casa. Totalmente destruído.

— Sim, — Jehan sobriamente concordou. — E agora imagine que você tem o incrível dom de caminhar nas temperaturas mais extremas e emergir completamente incólume. Mas você não está lá quando um ataque aos seus entes queridos acontece.

— Você tem a habilidade de salvar alguns deles, talvez todos, — Sav adicionou. — Ao invés, você perde todos em uma só tacada.

Melena não conseguia falar. Certamente não estava respirando direito como o peso do que ouvira.

Ela não sabia sobre o dom da Raça de Lazaro. Agora fazia sentido, claro. Sua habilidade de procurar por tanto tempo na lagoa congelada todos aqueles anos atrás. O fato que ele nadou através de quase metade do Mar de Tyrrhenian para lhe salvar hoje à noite, independente do frio, diferentemente dela.

Ele a salvou duas vezes, mas tinha sido incapaz de salvar aqueles que ele amou. Inclusive sua Companheira da Raça.

— Ele não ficará contente se souber que nós dissemos a você, — Jehan severamente advertiu.

Sav deu um aceno com a cabeça. — Provavelmente queira nos estaquear na luz do sol. Ou pior. — Ele olhava para Melena. — Então, nenhuma uma palavra, sim?

— Certo, — ela murmurou sem graça. Mas oh, Deus, seu coração doía por Lazaro agora.

— Falamos suficiente sobre ele, — Sav disse, sorrindo como se quisesse iluminar o humor sombrio. — Você perguntou sobre mim, se me recordo. Então, respondendo a sua pergunta, sim. A maioria das pessoas que me conhecem me chama de Savage.

Ela mordeu a isca, precisando esquecendo por um tempo sobre sua condolência com Lazaro. Ele não iria querer isto dela de qualquer maneira. — Por que eles te chamam disto? Você parece bom para mim. Você normalmente é mau ou algo?

— Ou algo, — ele disse, seu olhar refletindo o jeito brincalhão, e a sedução de sua aura forneceu toda a explicação que ela precisou.

Jehan bufou. — Ele é uma lenda em sua própria cabeça. Não dê a ele nenhuma atenção.

Sav latiu uma risada. — Inveja não funciona para você, Alteza.

— E você pode beijar minha bunda real, camponês.

Melena se encontrou rindo com eles. Emergiu na brincadeira e calor, rostos bem-vindos, não percebendo até agora o quanto precisava se sentir no meio de amigos.

Ela precisava de sua família, que agora estava reduzida para só uma outra pessoa. Seu irmão da Raça, Derek, que tinha vivido em Paris no último ano, saltando entre a Inglaterra e a França em uma aventura de negócios e outra.

Melena não o via desde que ele partiu, e não falou com ele por várias semanas. Ela não podia imaginar a angústia que causaria quando contasse que seu pai estava morto. Antes de ele ouvir isto em qualquer outro lugar, ela queria lhe dar as más notícias. Quis lhe poupar do pesar desnecessário de pensar que ela também morreu junto com todos hoje à noite.

— Você acha que seria possível eu tentar falar com meu irmão de alguma maneira? — Ela pediu aos dois guerreiros. — Ele está viajando e eu preciso contar a ele...

— Existe uma razão para que metade do meu time não está onde espero que eles estejam? — O grunhido fundo e furioso de Lazaro interrompeu a conversação sem aviso prévio. Ele esteve na porta de entrada, olhando com toda ferocidade que um macho da Raça Gen Um podia. Seus olhos safira trovejavam escuros, com exceção dos flashes âmbar que faiscavam em suas profundidades. — Fora. Os dois. Agora.

Sav e Jehan saíram com o comando.

Deixando Melena enfrentar a ira de Lazaro sozinha.

Melena esperou ele gritar com ela também, mas não fez. Ele meramente olhou fixo nela, com a mandíbula dura. Sua aura estava tão tempestuosa quanto sua carranca, trazendo a névoa cinza chumbo de volta que ela achou tão difícil ler.

Sua hostilidade parecia clara o suficiente. Ele não a queria em seu centro de comando mais do que a queria em sua presença no iate ou na caverna.

E ela queria estar segura agora, ainda que significasse retornar ao Darkhaven vazio do seu pai nos Estados Unidos. — Eu não quero estar aqui, — ela murmurou. — Preciso entrar em contato com meu irmão Derek, e preciso ir para casa.

— Fora de cogitação. — Sua resposta era firma, inflexível. — Eu falei com Lucan Thorne. Antes de você ir a qualquer outro lugar, ele quer que eu leve você para a sede da Ordem em Washington, D.C. Ele conversará com você lá, te interrogará.

— Eu já disse a você tudo que sei. O que mais posso dizer a ele?

Lazaro não respondeu. — Sairemos amanhã à noite, Melena. — Ele começou a ir, então se virou para ela. — Enquanto isso, eu não terei meu time distraído pelo fato de termos uma Companheira da Raça sob o mesmo teto. Eu prepararei um lugar para você na vila. E ficará lá até que partamos para D.C.

CAPÍTULO 06

Melena tinha sido levada da enfermaria do centro de comando para os aposentos da mansão horas atrás. A equipe de Lazaro voltou para seus negócios como instruída. A manhã passou com discussões sobre objetivos e prioridades da Ordem. O principal entre estas prioridades tinha por objetivo assegurar que os relatórios da trágica “acidental” explosão do iate com Paolo Turati a bordo, não deslizesse contra a verdade que era, de fato, um discreto ataque com mísseis.

E embora ninguém ainda houvesse se adiantado para publicamente se responsabilizar, não havia um parcela de dúvida entre a organização inteira da Ordem, que as mortes foram seguramente instigadas pela Opus Nostrum.

No meio da tarde, em Roma, os guerreiros foram dispersados para se prepararem para suas patrulhas que vinham à noite, todos focados na tarefa e prontos para executarem suas missões.

E ainda assim a fêmea sob seu teto permanecia como uma distração.

Para Lazaro, era isto.

Ele fez seu caminho pelos corredores de mau humor. Não queria pensar sobre ela. Não queria pensar sobre sua irritação ao encontrar Sav e Jehan conversando com ela mais cedo, fazendo-a sorrir apesar de tudo o que passou. Ele não queria pensar sobre a raiva que disparou por ele naquele momento, a explosão de possessividade pura que não tinha nenhum direito de sentir.

E, certo como o inferno, ele não queria perder outro momento pensando no beijo que roubou de Melena na caverna em Anzio. Não tinha nenhum direito de tomar aquela liberdade também. Mas, realmente, foi um beijo roubado, uma vez que ela não pareceu se importar que ele tivesse feito isto?

Ela lhe disse que apreciou isto, pelo amor de Deus.

Seu sangue correu um pouco mais rápido, perturbadoramente mais quente, com apenas o pensamento. E muito daquele sangue estava fazendo uma corrida rápida ao sul. Isto martelava em suas veias como fogo líquido, estabelecendo-se em sua virilha, quando recordou o quão suave e convidativa a boca dela tinha estado sob a dele.

Melena tinha mais que gostado de seu beijo. Ela deu boas-vindas a isto. Quis mais.

Querendo-o.

Cristo, ele não conseguiu ficar longe dela rápido o suficiente depois daquele beijo. Ainda não conseguia colocar distância suficiente entre eles para sua paz de espírito. Como iria administrar as longas horas entre agora e a partida deles para D.C. amanhã à noite, ele não tinha nenhuma maldita ideia.

Mais do que provável, ele passaria este período de tempo com um constante tédio e uma fome febril, que beiraria a loucura. Ele precisava exorcizar aquela fome, e logo. Estava a caminho da sala de armas para suar um pouco de sua agressão com suas lâminas e pistolas, quando um de seus homens o encontrou no corredor.

Trygg tinha sido o único da unidade com bom senso suficiente para evitar a bonita e inconveniente hospede deles. O careca, que parecia um ameaçador macho da Raça, carregava uma longa caixa bege em seus braços. — O pacote que você pediu esta manhã acabou de chegar.

Lazaro grunhiu quando pegou a caixa do mais intimidante membro de sua equipe.

— Você quer que eu entregue isto para ela? — Trygg sugeriu.

— Não. — A resposta veio muito depressa, vigorosamente, mas estava lá. Melena já tinha sido assustada o suficiente; ela não precisava que um assassino brutal como Trygg aparecesse em sua porta, ainda que fizesse isto com um presente improvável em suas mãos.

Além disso, Lazaro deu a ordem para ela como algo mais do que apenas uma cortesia. Ele supostamente estava esperando que isto também servisse como algum tipo de pedido de desculpa. Ele vinha sendo um guerreiro por vinte anos, mas gostava de pensar que ainda havia um pouco de senso de decência nele. Dado o modo como tratou Melena até agora, ela poderia ser duramente pressionada a concordar.

— Eu mesmo levarei isto, — ele disse a Trygg. O vampiro simplesmente ficou encarando, seus olhos astutos sem piscar, extremamente conhecedor. Lazaro enfiou a longa caixa debaixo do braço. — Há algo que você pode fazer. Localize Derek Walsh. Melena disse que seu irmão tem passado seu tempo entre Paris e o Reino Unido. Quando você o encontrar, deixe-me saber.

Trygg deu um leve aceno com a cabeça. — Feito.

Lazaro caminhou através do centro de comando pelo anexo, para o quarto andar dos aposentos residenciais. A vila romana tinha dez quartos, mas Melena tinha sido colocada na maior suíte da propriedade. Este também era o único lugar onde ele sabia que nenhum de seus mais novos admiradores estaria tentado a procurá-la.

Parando do lado de fora da porta fechada de seus aposentos privados, no último andar, Lazaro notou que ela tinha deixado a bandeja de comida, que entregou horas antes, intocada. Não parecia que sequer tinha olhado para isto.

Ele tentou escutar movimento do outro lado. Não ouvindo nada, bateu com as juntas na porta de madeira entalhada. Ele esperou, sentindo-se um tanto estranho e aborrecido.

Quando bateu novamente e não conseguiu nenhuma resposta, ele começou a ficar preocupado.

Ele abriu a porta e perscrutou do lado de dentro. — Melena?

A suíte dela estendia-se na totalidade do quarto andar da vila. Ele não a viu em lugar nenhum, nem mesmo no espaçoso quarto. Ele soltou a caixa no final da cama king size, então notou a porta do banheiro da suíte meio aberta.

Pela fina fresta, ele a viu deslizar em um roupão, aparentemente tendo acabado de sair da banheira. Ele pegou um vislumbre inesperado de sua pele nua e as deleitáveis curvas, os seios adoráveis culminados com escuros mamilos de cor pêssego... a sugestão de cachos escuros no V de suas coxas cremosas.

Ah, maldição, ela era magnífica.

Todo o macho nele respondeu tão rapidamente, e tão obviamente, quanto tudo da Raça nele. Sua pulsação martelou um tambor enchendo seus ouvidos com uma rajada de necessidade quente. As pontas de suas presas cavaram em sua língua e, enquanto olhava para ela, seu olhar aqueceu enquanto suas pupilas afinavam com sua fome, e seu pau engrossou com desejo.

Até que viu os hematomas que ainda pairavam sobre ela. Os ferimentos dele tinham curado graças ao seu metabolismo de Gen Um, mas Melena ainda carregava as inúmeras contusões em suas costelas e na barriga delicada.

— Porra. — A reação rosnada de Lazaro a fez olhar para cima bruscamente. Tarde demais para recuar e sair. Tarde demais para fingir que não acabou de rastejar para dentro do quarto e ficar ali parado, cobiçando-a com escancarada luxúria. Ou esperar que ela não notasse quão poderosamente ela o afetava.

A expressão dela era defensiva e cautelosa. Ela escancarou a porta, mas ele notou quão firme agarrava as pontas do roupão contra seu peito. Quando Lazaro deu um passo na direção dela, ela escapou do banheiro para o espaço maior do quarto.

Com um pouco de esforço, ele restringiu a presença de suas persas. Sua visão ainda estava inundada de âmbar, mas podia sentir suas pupilas retornando para um estado menos feral. E quanto ao estado de sua excitação, isso era uma coisa mais difícil de esconder, menos ainda de suprimir. Mas enquanto seu corpo ainda estava vibrando com a consciência e o desejo por ela, seu principal interesse naquele momento era o bem-estar de Melena.

— Jehan deveria ter cuidado de seus ferimentos quando você chegou, — murmurou com raiva. — Ele é habilidoso com unguentos e ervas. Ele deveria ter lhe dado algo para ajudá-la a se curar.

— Eu disse a Jehan que estava bem. E estou... ou pelo menos, posso tentar estar, uma vez que você e a Ordem permitam que eu vá para casa.

Lazaro ignorou a reclamação pontuada, ainda que isto tivesse mérito. — Vejo que não comeu nada também.

— Por que você se importa? — Ela lançou de volta, suas finas sobrancelhas castanhas se juntaram.

— Eu me importo Melena. No momento, você está sob minha vigilância. É minha responsabilidade assegurar que esteja confortável e saudável. Que seja alimentada e vestida. — Ele gesticulou em direção à caixa de boutique na cama. — Arranjei para que algumas coisas fossem enviadas aqui para você, de algumas lojas locais.

Ela lançou um olhar de soslaio em direção ao presente dele, então de volta em direção ao banheiro, onde sua saia e blusa arruinadas estavam em trapos no chão azulejado. Cautelosamente, ela moveu-se em direção a cama e ergueu a tampa da caixa. Olhou dentro, então uma a uma, retirou uma saia e calças, então a blusa e um suéter que ele tinha escolhido para ela.

— Não sabia o que você preferiria, — ele murmurou.

Ela ergueu o fino suéter cinza carvão, primeiro, em seguida a calça comprida preta. A descrição clássica da coleção, não o surpreendeu. Ela olhou para os dois pares de sapatos que ele tinha comprado também, puxando as elegantes sapatilhas italianas. — Tudo isto é do meu tamanho. Perfeitamente do meu tamanho. — Ela inclinou-lhe um olhar cauteloso. — Não achei que tivesse prestado atenção tempo o suficiente para notar.

— Eu notei. — Lazaro lentamente se aproximou dela perto da cama. — Deveria estar focado em mil outras coisas agora. Ao invés disso, aqui estou. Notando tudo sobre você, Melena.

Se ela tivesse vacilado, quando ele se aproximou parando ao lado dela, Lazaro teria de alguma maneira encontrado força de vontade para deixá-la em paz.

Se ela tivesse resistido mesmo que um pouco, quando ele ergueu seu queixo com as pontas dos dedos, e puxou o olhar dela até o dele, se tivesse olhado dentro de seus olhos transformado em Raça, com algo perto de medo ou incerteza, ele teria se forçado a deixá-la ir e se refreado de nunca tocá-la novamente.

Mas Melena não fez nenhuma daquelas coisas.

E quando lentamente ele abaixou a boca para a dela, desta vez, nem mesmo ele ou sua vontade férrea poderiam fingir que o desejo que arqueava entre eles, era alguma coisa que qualquer um deles pudesse negar.

Ele a beijou, duro e faminto. Quaisquer ilusões que poderia ter tido de levar as coisas lentamente com ela, ou dar-lhe uma chance de cair fora antes que atacasse, foi apenas obliterada uma vez que seus lábios e línguas se juntaram.

Uma onda fresca de necessidade derretida queimou pelas veias dele, e de repente não importava mais que envolver-se com Melena Walsh fosse a última coisa que deveria estar fazendo.

Ele a queria.

Ela o queria, ele soube disso, mesmo na caverna.

E o fato era que, já tinha se deixado envolver, se eles permitissem ou não este inegável, senão inoportuno, desejo um pelo outro, incendiaria fora de controle.

Melena acordou uma necessidade nele que não sentia há muito tempo. Um novo tipo de necessidade, algo incandescente e irresistível. Ela fez em menos de um dia, o que nenhuma outra mulher antes dela conseguiu fazer em duas décadas.

Ela o fazia sentir-se vivo novamente.

Lazaro rosnou e tomou sua boca em um beijo mais profundo. Ela gemeu, estendendo a mão até enterrar os dedos nos pequenos cabelos da nuca dele. Suas curvas suaves pareciam como o paraíso contra ele, mesmo através da barreira de sua roupa. A boca dela tinha um gosto morno e doce. Seu corpo se curvou contra o dele, flexível e consentindo.

Acolhedor.

Quente com a necessidade.

Ele passou a mão abaixo pela garganta dela, quebrando o beijo enquanto seu polegar roçava sobre a marca de Companheira da Raça, aninhada no oco entre suas clavículas. Ele ergueu a cabeça para olhar para isto, lembrando a si mesmo o que ela era, e por que não podia se permitir qualquer coisa mais do que este desejo que compartilhavam.

— Eu deveria perguntar se existe outra pessoa, — ele proferiu densamente. Ele arrastou seu olhar ardente de volta para o dela. — Deveria, mas neste momento penso que não estou nem aí se você disser que existe.

— Não. — Ela deu uma sacudida lânguida com a cabeça, seu peito subindo e descendo com cada arfar rápido de sua respiração. — Não há ninguém. Não, há mais de um ano. E até então, nunca quis alguém assim...

Ele registrou aquela doce confissão com um grunhido que vibrou profundamente em seu peito.

Ele a beijou novamente, reunindo o rosto dela em suas mãos, enquanto sua boca se movia intensamente, faminta sobre a dela. Sendo Gen Um, seus apetites eram mais fortes do que os demais. Com Melena praticamente despida e disposta em seus braços, aqueles apetites estavam à beira de possuí-lo. Era apenas o escuro conhecimento de suas lesões prolongadas que o mantiveram em controle.

E ela não estava ajudando a este respeito.

Encontrando cada impulso de sua língua, dividindo o lábio para levá-lo mais fundo, ela remexia com sua excitação ainda mais. O corpo dela apertado contra o seu, o calor inflamando em todos os lugares que eles se tocavam. Ele não conseguiu resistir à abertura solta de seu roupão. Sua mão deslizou para dentro sentindo a suavidade de sua pele. O pulso dela batia contra as pontas de seu dedo, forte e certo. Erótico e primitivo.

Melena gemeu de prazer. Sua voz sensualmente grossa contra sua boca. — Eu gosto do modo como você me beija, Lazaro. Gosto do modo como me toca.

Putá merda. As palavras dela fizeram um fogo irromper em seu sangue já derretido.

Com as presas enchendo sua boca e seu pau ficando duro como granito por trás do zíper de suas calças, Lazaro moveu a mão para aconchegar a parte inferior flutuante de seu seio. Um quente e reprimido suspiro soprou para fora dela, quando ele acariciou sua pele nua por baixo do roupão frouxo. Seu mamilo estava endurecido e ereto, uma tentação que ele beliscou levemente, então os rolou entre os dedos. O aperto de Melena atrás de seu pescoço aumentou, os dedos dela enrolando em seu cabelo quando um gemido vazou por seus lábios separados.

Cada fibra tensa dele doía com a necessidade de colocar a boca em sua pele sedosa, senti-la toda. Saboreá-la toda.

Suas mãos obedeceram esta necessidade, estendendo-se para suavemente aliviar o roupão para fora dos ombros de Melena. Deslizando abaixo de seus braços, prendendo-a pela cintura. Ela era tão adorável. A pele de porcelana polvilhada com um com um punhado de doces sardas cor de pêssego, e as exuberantes curvas femininas que imploravam para serem saboreadas.

As contusões púrpuras e os cortes remendados em seu torso e abdômen atraíam seu olhar intensamente. A raiva de quem fez isto rodou por ele como uma tempestade feroz. Quando pensou sobre o quão perto chegou de perdê-la na explosão, juntamente com todos os outros, aquela raiva tornou-se assassina e escura.

Mas, ternamente, ele deixou seus dedos alisarem sobre algumas de suas piores contusões. Ela se encolheu e um pouco de sua fúria rosnou para fora dele. — Dói?

— Só um pouco. — Quando ele afastou a mão, ela a pegou, colocando a palma dele sobre seu seio nu. — Não quero que você pare de me tocar.

Seu pau empurrou em resposta, mais que ávido que ele a favorecesse. Encheu a mão com o seio dela, então tomou sua boca em outro beijo profundo.

Mas senti-la, beijá-la, só o fez doer para explorar um pouco mais.

Todo o seu Gen Um pulsando com a necessidade de reivindicar e possuir.

Ele puxou o roupão dela completamente. Deixando-o cair em um amontoado aos pés dela. Por um momento indulgente, ele embebeu-se em vê-la através de seus encharcados e febris olhos ambarinos.

Então ele a ergueu e a espalhou debaixo dele em sua cama.

CAPÍTULO 07

Melena afundou no colchão suave e observou, de olhos arregalados e trêmulos, enquanto Lazaro espreitava o comprimento de seu corpo nu.

Não era medo que se apoderou dela. Nada nem perto de medo.

Cada terminação nervosa dela tinha reavivado, ficando vertiginosamente elétrica sob o cuidadoso e carinhoso toque dele, e a promessa sensual de seus lábios e língua, enquanto ternamente explorava sua pele.

Agora, deitada e exposta completamente na cama enquanto ele permanecia vestido, não estava nem mesmo desconfortável. E se isso fazia dela uma prostituta devassa ou uma tola ousada, ela não sabia. Nem fazia com que se importasse naquele momento.

Não estava nervosa ou incerta sobre qualquer coisa que estava fazendo com este homem.

Ela queria mais.

Ele enviou a caixa da boutique para o chão com um movimento de seu braço forte, deixando mais espaço para eles. Ela saltou, a respiração presa pelo poder animalesco que saía de Lazaro em ondas palpáveis. Nunca sentiu tanta energia e calor focado nela.

Em seu punhado de relacionamentos falhos, nenhum outro homem, Raça ou humano, mexeu com sua paixão tão facilmente e tão habilmente. Difícil de agradar foi como mais de um amante a chamara. E eles estavam certos. Nenhum deles tirou um fôlego dela. Nenhum deles conseguiu manter seu interesse, dentro ou fora da cama, por mais de alguns meses.

Mas realmente, eles não eram Lazaro Archer.

Ela nunca esteve na presença de um macho Gen Um com uma fome carnal em seus olhos.

A fome de Lazaro era intensa.

Seus olhos eram dois carvões bloqueados nela enquanto se posicionava sobre ela, apoiando os punhos fortes de ambos os lados de sua cabeça. Suas presas cintilavam afiadas, enormes e totalmente estendidas.

E apesar de seus dermoglifos estarem escondidos por sua camisa e calças de combate pretas, ela sabia que deveriam estar vívidos com cores profundas, não muito diferente da aura vermelho sangue pulsante, que irradiava dele enquanto seu olhar demorado bebia sua nudez da cabeça aos pés.

Ele espalhou as pernas dela com as coxas, desnudando-a para ele. Quando a cobriu, o comprimento rígido da excitação dele aterrou contra seu quadril. O pulso dela acelerou e trepidou quando ele deu um impulso significativo em sua pélvis, aquelas chamejantes íris âmbar queimando-a.

Ele tomou sua boca em um lento, porém exigente, beijo. Ele tomou seu lábio entre os dentes, chupando a língua dela para o fundo de sua boca. Beijando-a até que estivesse arquejando e retorcendo-se debaixo dele, segurando-o com as mãos necessitadas. — Agora, vou saboreá-la, Melena, — murmurou contra sua boca frouxa. — Cada cremoso centímetro deleitável seu.

E então, os céus a ajudassem, ele passou a fazer exatamente isto.

Começou com um enlouquecedor roçar de sua língua bem abaixo de sua orelha. Ela estremeceu, embora o sangue dela estivesse queimando pelo calor dos lábios dele, e o gentil, mas inconfundível roçar das presas, enquanto arrastava a boca até a curva onde seu pescoço e o ombro se encontrava. Ele chupou e beliscou, percorrendo o caminho até seus seios. Amassando-os nas mãos fortes, lambendo os brotos apertados em seus cumes, ele não se moveu até que ela estivesse gemendo de prazer e dor por mais.

Suas costas curvaram-se, quando ele começou uma exploração lenta e constante em sua caixa torácica e abdômen. Ele teve cuidado ao redor de suas contusões, surpreendendo com a ternura de um macho da Raça que vivia há dez vidas, e contando, cujo corpo transcendental era virtualmente indestrutível. No entanto, ele navegava seus pequenos ferimentos como se estivesse manipulando vidro.

Isso a comoveu profundamente, até mais do que a paixão dele a subjugava.

Melena esticou a mão, segurando sua cabeça escura enquanto o beijo dele viajava mais abaixo.

Através de seu estômago, sobre cada osso do quadril, acima dos topos trêmulos de suas coxas. Ela tremeu quando a boca dele fez uma lenta trajetória abaixo do comprimento inteiro de sua perna e tornozelo direito, então retornou pela panturrilha esquerda, por seu joelho e a carne formigando do interior de sua coxa.

Se ele queria deixá-la molhada e vibrando de necessidade para tê-lo dentro dela, Lazaro poderia ter parado logo depois que seus lábios se encontraram pela primeira vez aqui neste quarto.

Mas estava evidentemente claro, pelo olhar perverso que ele disparou no comprimento de seu corpo nu, que estava apenas começando.

A cabeça dele abaixou entre suas pernas espalhadas. Quando o calor da respiração dele atravessou contra seu sexo, ela estremeceu. Quando os lábios dele tocaram abaixo e sua quente e macia língua clivou em sua fenda, ela soltou um grito estrangulado.

Os dedos seguravam a colcha em cada lado dela, era como se ela segurasse por sua preciosa vida, enquanto Lazaro lambia, beijava e a fodia insensatamente com a boca impiedosamente hábil.

Gozou em meros segundos, o prazer disparando por ela em onda após onda gloriosa. Não sabia se suspirava ou gritava, ou ambos. Sabia apenas que enquanto seu corpo ainda estava

flutuando em um milhão de fragmentos minúsculos de felicidade, Lazaro começou a erguer-se até ela na cama.

Ele acariciou o rosto dela, observando-a, sorrindo com satisfação óbvia, pelo amor de Deus.

Então seu sorriso se foi tão depressa quanto chegou, e ele cobriu sua boca com a dele, beijando-a ferozmente com força e profundamente.

Ele recuou com uma maldição, sua respiração saindo entrecortada de seus pulmões. Desnudou-se de suas roupas e botas em meros segundos. Então se virou para ela, gloriosamente nu. Ele encontrou seu lugar entre as coxas dela novamente e manteve-se lá, imóvel, observando-a. Considerando-a de alguma forma.

Seu grande corpo soltava ondas de calor e poder. Os glifos que traçavam os ombros volumosos e os braços musculosos continuavam sobre os contornos de seu tórax e ondulavam pelo abdômen. Eles pulsavam intensamente em sua pele, vivos e inundados de cor.

Aquelas marcas na pele Gen Um viajavam para o sul também. O eixo espesso e longo de seu pau era circulado com glifos, seus matizes florescendo mais profundo enquanto Melena o admirava com aprovação descarada.

Deus, ele era imenso. Tão magnífico.

E sensual como o inferno.

Ela ergueu-se para tocar em seu rosto, aconchegando sua mandíbula dura em sua palma, quando um franzir de cenho trovejou através de sua expressão. — Faz algum tempo para mim também, — ele disse, então deu uma pequena sacudida com a cabeça. — Não estou certo de que posso ser tão gentil com você quanto gostaria. A última coisa que quero fazer é te machucar.

Melena viu o tormento em sua aura, ainda que seu corpo estivesse sendo conduzido por uma necessidade mais forte agora. Ele não queria deixá-la entrar, mas não podia fechá-la do lado de fora também.

Ele se importava, embora quisesse negar isto.

Ela retornou o pensamento para o que ele lhe disse na caverna. Naquilo de que apenas porque ele ajudou-a a ficar viva, não significava que estava segura com ele.

Melena nunca se sentiu mais protegida ou segura com ninguém em sua vida.

E ela nunca conheceu algo tão cru e aniquilante, tão impossível de se negar, como se sentia estando com Lazaro.

Ela envolveu a mão na nuca dele e o puxou para baixo, em um beijo profundo e ardente. Com a outra mão, procurou seu pau e pegou-o firmemente, bombeando seu comprimento em golpes certos e firmes. Ela não soltou de sua boca ou de seu pênis por um longo momento. Quando o fez, ela deu-lhe um sorriso contra seus lábios separados e as presas que agora enchiam sua boca até mais do que antes. — Vê? — Ela disse a ele. — Não vou quebrar.

Ele proferiu uma feroz maldição baixa que soou ser meio alívio e meio angústia.

Então ele posicionou-se na entrada do corpo dela e dirigiu para casa, profundo, lento e longo, todo o caminho até o cabo.

Ele a encheu tão completamente que ela mal podia respirar. Então começou a entrar e sair, rolando os quadris em controlados e tentadores giros que puxaram uma maldição dela também. Uma pressão doce espiralou dentro de seu âmago quando ele a empurrou em direção a outro clímax. Ele não foi suave, ao invés disso conduziu dentro dela tão longe e completamente, e tudo o que ela pôde fazer foi agarrar-se nele e deixar seu corpo despedaçar nos braços dele.

Lazaro a observava enquanto ela gozava, seus olhos fixos nos dela. Ela não conseguia desviar o olhar. O poder da conexão era muito intenso. Ele sentiu isto também, tinha que ter sentido isto.

Enquanto o próprio gozo dele fortalecia, então quebrava com um grito grosseiro, ele mantinha o olhar fixo no dela também. Foi tão intenso, tão assustadoramente real, esta coisa que veio à vida entre eles.

Se alguma coisa tinha o poder de apavorá-la, era isto.

A sensação de que já tinha se entregado a este homem. Um homem que fingiu que mal se lembrava dela quando a viu pela primeira vez no iate de Turati.

Um homem que a avisou para não chegar perto dele, praticamente ameaçando que iria apenas machucá-la.

E aqui estava ela, dando-lhe seu corpo.

Olhando fixamente nos olhos dele enquanto rendia a parte mais íntima de si mesma para ele, e imaginando que podia tão facilmente deixar se apaixonar. Que talvez já tivesse. Talvez os homens em seus passados estivessem certos. Eles nunca teriam sido bons o suficiente para ela.

Porque desde o princípio, o que queria que eles fossem era alguém como Lazaro Archer. Valente. Leal. E sim, heroico, ainda que ele se recusasse a aceitar aquela verdade.

Ela não precisava que ele fosse perfeito, porque até pela névoa de afeto e desejo ardente, ela sabia que nunca seria. Ele não precisava ser. Não para ela querê-lo como o queria. Não para sentir tão bem, tão segura e contente em seus braços.

Oh, Deus... ela poderia estar se apaixonando tão rápido?

Ela ousaria?

Melena finalmente desviou o olhar do dele, então virou a cabeça para longe, confusa por sua epifania.

Seu coração estava batendo forte, fazendo a carótida pulsar palpavelmente no lado de seu pescoço.

Não teve que olhar de volta para ele para saber que os olhos ambarinos de Lazaro moveram-se para aquela vibrante veia. Ela sentiu o calor de seu olhar. Então ouviu um perigoso grunhido baixo enrolar na parte de trás da garganta dele.

Ela ficou quieta, apavorada que ele pudesse mordê-la.

E apavorada que ele não fosse.

— Lazaro? — Ela sussurrou incerta do que estava para pedir-lhe para fazer.

Lentamente ela virou-se para olhar para ele e viu o tormento em seu bonito rosto de outro mundo. E fúria. Ele afastou-se dela com um silvo.

Sua expressão parecia selvagem, intensa... e sua aura ardente lhe dizia que ele estava equilibrado no fio da navalha de um rigorosamente seguro, mas tênue, controle.

* * *

Que porra ele estava fazendo?

Lazaro caiu em si como se fisicamente atingido. Ele ainda estava enterrado dentro do quente calor molhado de Melena, sua pulsação ainda carregada e disparada. Seu pau ainda estava duro, ainda ganancioso, até mesmo depois do clímax que rasgou por ele com ferocidade brutal.

E ele tinha sido imprudente o suficiente para deixar seu febril olhar derivar para a veia que pulsava tão sedutoramente no lado da garganta vulnerável dela.

Cristo.

Ele quase perdera o controle, algo que nunca permitiu que acontecesse. Nem uma vez em vinte anos que tinha sido tentado. Sua guarda estava sempre erguida, sua vontade impenetrável.

Mesmo assim, tinha o hábito de evitar mulheres como Melena, fêmeas com a marca de Companheira da Raça. Beber de uma de sua espécie o amarraria a ela singularmente, irrevogavelmente. Ele sempre a ansiaria. Ele sempre a sentiria em seu sangue, na raiz de sua alma... a menos que a morte rompesse o laço, como fez quando perdeu Ellie.

Por que o pensamento não congelou sua sede ou murchou seu desejo por Melena, ele não queria saber. E certo como o inferno não ficaria sentado lá ponderando aquele fato, enquanto ela olhava boquiaberta para ele com um terror mudo.

— Maldição. — Ele retirou-se dela com um rugido. Por mais difícil que fosse negar-se a sensação do aperto sedoso dela em seu eixo, por mais que a quisesse agora, ainda, e de novo e de novo, ele precisava mais da separação.

O que ele precisava era colocar o máximo de distância possível entre o suave e convidativo corpo dela, e a sede de sangue que de repente estava retorcendo-o em nós viciosos.

Ele saiu da cama para coletar suas roupas.

— O que você está fazendo? — Melena perguntou por detrás dele. Quando começou a se vestir, ele ouviu-a deslizando através dos lençóis. — Converse comigo, por favor.

Ele não conseguia formar palavras, e muito menos empurrá-las para fora de sua boca. Ainda a queria demais, e temeu que, se ele se deixasse desmoronar para esta necessidade agora, não seria capaz de dominar isto de volta. Ele fechou suas calças, ignorando a protuberância persistente de sua excitação. Suas mãos se moviam apressadamente, agressivamente, enquanto vestia a camisa, então se curvava para recuperar as botas.

Tinha varias fêmeas humanas que ele poderia chamar para saciar suas necessidades. Uma pena que não pensou em fazer isto antes de cometer o engano de colocar-se sozinho na companhia de uma Companheira da Raça tão tentadora quanto Melena.

E que fraca racionalização do caralho isto era.

Nada o satisfaria mais do que descartar o seu quase engano como algo que poderia ter acontecido com qualquer fêmea descartável, sem a marca de nascença da lágrima e a lua crescente. Muito mais preocupante perceber que era esta mulher que o tentava como nenhuma outra.

Melena Walsh continuaria a tentá-lo durante o tempo em que ela permanecesse sob seus cuidados, debaixo de sua proteção duvidosa.

Ele não sabia como uma mulher que entrou em sua vida tão inesperadamente, sem mencionar temporariamente, estava deixando-o faminto por coisas que viriam com um preço muito permanente.

— Você apenas vai embora então? — Ela ergueu-se ao lado da cama, observando-o se preparar para fazer sua fuga. Por um longo momento, ela não disse mais nada, o silêncio dela avançando com dor e confusão, quase demais para ele aguentar. — Não vai nem ao menos reconhecer o que quase aconteceu agora?

De que estava a apenas um momento de tomar a veia dela entre seus dentes? Ou que cada partícula de seu ser estava tão voraz por um gosto do seu sangue de Companheira da Raça, que havia uma chance de ele poder ainda agir sobre um impulso poderoso?

A memória do cheiro do sangue dela não o deixou desde que pegou um primeiro traço disto lá trás na caverna. Sabia qual seria o gosto dela: caramelo e cerejas escuras maduras. Em cima de outra doçura decadente que ainda permanecia em sua língua, de sua exploração carnal do corpo dela.

Lazaro amaldiçoou severamente, uma profanação sórdida falada em um idioma que apenas os mais antigos da Raça como ele compreendiam.

— Não, Melena, eu não vou reconhecer isto. — Ele pegou o olhar dela, sabendo o quão frio seus próprios deveriam parecer através dos olhos dela. No entanto, mesmo enquanto olhava com raiva e furioso com sua própria falta de controle, seu corpo traiçoeiro não perdia seu interesse por ela. — E sim, vou embora, e o que aconteceu aqui não acontecerá novamente.

Ela ficou olhando para ele. — Acho que nós dois sabemos muito bem disso. Você ainda me quer, Lazaro. Não preciso ler sua aura para ver isto.

— Isto foi um engano, — ele rosnou através dos dentes e presas. — Sei muito bem que não complicarei mais esta porra deixando isto se tornar algo que nós dois lamentaremos para sempre.

Ele virou-se e saiu pela porta.

Antes que sua determinação instável pudesse quebrar completamente.

CAPÍTULO 08

Fiel à sua palavra, ele não retornou.

Ela tomou banho e se vestiu, até mesmo comeu uma refeição fresca que Jehan lhe trouxe algum tempo depois que Lazaro se foi. Isso foi horas atrás, de acordo com o antigo relógio de pêndulo no corredor. Bem na noite antes que ela finalmente tivesse desistido de esperar, perguntando-se... Deus, lamentavelmente esperando, que ele voltasse e pelo menos conversasse com ela depois daquela paixão incrível que compartilharam.

Seu dom psíquico a impedia de se amuar das dúvidas sobre as intenções de Lazaro. Não era que ele não a quisesse esta noite. Ele tinha partido porque a queria demais.

Mas isso não mudava o fato de que estava bastante óbvio que ele estava evitando-a.

Ela começou a compassar pela suíte residencial na roupa que ele lhe comprou, sentindo-se como uma prisioneira em uma linda gaiola destrancada. Embora tivesse o quarto andar inteiro para explorar, a decência a manteve de bisbilhotar tão avidamente pela casa de Lazaro. Não que encontrasse nada muito pessoal em seus aposentos, ela percebeu rapidamente.

Cada quarto era consumadamente equipado com mobílias elegantes e uma variedade de coisas boas. Peças sofisticadas, antiguidades de bom gosto, uma riqueza em heranças de tapetes orientais, o tipo de coisas que ela poderia esperar de alguém que viveu por tanto tempo quanto ele, parecia apreciar.

Mas não havia nada pessoal na casa de Lazaro. Nada moderno.

Não havia nenhuma fotografia nos gabinetes, ou nas mesas de centro, ou nas paredes. Nenhuma lembrança espalhada sobre qualquer um dos quartos meticulosamente mantidos. Não havia nada para lembrá-lo do século passado, e muito menos dos últimos vinte anos.

Ele vivia aqui em uma cuidadosa organização elegante e isolada.

Sua conversa com Jehan e Savage voltou para ela agora. O fato de que Lazaro nunca se recuperou completamente das mortes de sua companheira e da família. Que ele se culpava por não poder salvá-los. E assim, ele se juntou à Ordem e se exilou neste lugar.

Se ele não tinha encontrado espaço em seu coração para nada nem ninguém nas últimas duas décadas, como ela poderia esperar que ele pudesse deixá-la entrar depois de apenas uns dias?

Ela tinha quase decidido confrontá-lo sobre o modo como ele estava vivendo sua vida. Talvez não fosse seu papel desafiá-lo sobre isto. Talvez fosse melhor deixar as coisas como estavam e simplesmente esperar para retornar para casa, para os Estados Unidos, onde tinha sua própria vida para administrar.

Uma vida que não incluía mais seu pai, ela pensou, inundada com uma nova onda de pesar por pensar que a entrada de Lazaro em sua vida, veio com a perda de outra pessoa que amou.

Mas, até antes de perder seu pai na noite passada, até mesmo antes da perda de sua querida mãe anos antes, Melena percebeu que estava faltando algo vital em sua vida.

Ela tinha uma vida que, se fosse realmente honesta consigo mesma, não era tão diferente da gaiola que Lazaro construiu ao redor de si mesmo aqui em Roma.

Ela tinha seu próprio apartamento agradável no Darkhaven de seu pai em Baltimore. Tinha amigos. Teve amantes quando quis. Teve colegas no escritório de seu pai e no GNC. Ela tinha seu irmão Raça, Derek. Teve uma vida plena e cheia de companheirismo sempre que precisou disto.

E ainda, no fundo, era tão solitária.

Ela via aquele mesmo vazio em Lazaro. Talvez ele visse isto nela também. Talvez fosse por isso que quando seus olhares ficaram presos no meio do orgasmo deles esta noite, a conexão pareceu tão real. Tão escancarada, surpreendente real.

Como ele podia esperar que ela ignorasse aquilo como se não tivesse acontecido?

Ela não podia.

E não iria, não sem uma briga.

O que quer que esteja se erguendo tão rapidamente e poderosamente entre eles, tinha uma chance de crescer para algo extraordinário. Ela sentia aquilo com uma certeza em seus ossos, em seu sangue. E sabia que não estava sozinha naquele sentimento.

Então, gostando ou não, Lazaro Archer simplesmente iria ter que conversar com ela. Ele poderia estar acostumado a vociferar e mandar da sua maneira ao redor de todos os outros em sua vida, mas ela não suportaria isto.

Preparando-se para uma batalha que não estava certa de que poderia ganhar, Melena deixou a suíte no quarto andar e dirigiu-se para o andar de baixo, para o nível principal da mansão. Estava calmo lá, então ela continuou em direção ao centro de comando conectado à propriedade.

Ela não foi muito longe.

Vindo do nada, uma parede volumosa de músculos materializou-se para bloquear seu caminho.

Não era Lazaro. Nem Savage ou Jehan também.

Ela olhou para cima e encontrou-se boquiaberta para o frio e duro rosto de um guerreiro que ainda não tinha conhecido. Sua cabeça raspada e cicatrizes irregulares faziam-no parecer até mais letal do que o olhar sombrio com o qual ele a mantinha agora.

Ele não falou. Não pareceu propenso a fazer até mesmo o mais remoto esforço para colocá-la à vontade.

Melena ergueu o queixo em desafio. — Estou procurando por Lazaro.

— Ele não está aqui. — Deus, aquela voz era grossa como cascalho. — E você não deveria descer aqui também, fêmea.

Enquanto ele falava, Savage e Jehan surgiram nas proximidades de uma câmara no corredor. Sav silvou. — Trygg, puta merda. Pega leve com ela. Guarde o veneno para a patrulha desta noite.

Quando o vampiro cicatrizado não fez nem menção de reconhecimento, Jehan avançou, colocando-se entre Melena e o guerreiro que se eriçou com uma escuridão feral.

Jehan colocou-se em posição de ataque contra seu camarada, guiando Melena suavemente para trás dele. — Vou apenas dizer isto mais uma vez. Pega. Leve. Porra.

O chamado Trygg tinha uma aura que beirava a feral. A ameaçadora névoa enviou um calafrio pela espinha de Melena. Ela viu dor lá também, enterrada profundamente, mas isto era uma dor perigosa, tão afiada como lâminas de barbear.

Por um longo momento, Trygg não se moveu. Nem tão pouco Jehan. Não estava claro qual guerreiro seria o primeiro a derramar o sangue do outro, mas não havia dúvida de que o frio, calmo e culto Jehan estava cada pedaço tão letal quanto seu descontrolado irmão de armas.

Talvez até mais. A aura de Jehan queimava com uma inflexível determinação estável. Ele poderia ser incontrolável em todas as coisas que estabelecia a fazer. Honrado até sua última respiração.

Trygg pareceu saber isto sobre seu companheiro de equipe. Parecia respeitar isto. Com um lento exalar, o assustador macho da Raça deixou seus ombros relaxarem um grau. Sua mandíbula pulsava, mas ele fez como seus camaradas exigiram, aliviando em seus calcanhares com um silencioso estrondo em sua garganta.

Então ele virou-se e foi embora, afastando-se pelo comprido corredor abaixo.

— Você está bem? — Sav perguntou.

Melena assentiu com a cabeça. — O problema dele é apenas comigo, ou ele despreza todas as mulheres?

Sav deu-lhe um olhar sardônico. — Não é apenas você. E isto é uma longa e feia história. Se tiver uma semana, ou cinco, de sobra, talvez eu a conte para você.

Não, ela não tinha todo este tempo. E o fato de que amanhã Lazaro estaria levando-a de volta para os Estados Unidos, deu uma pontada de remorso no peito dela. Queria ficar um pouco mais de tempo com Savage e Jehan.

Ela queria chegar a conhecê-los: Savage e seu charme fácil e lindo sorriso. Jehan, com seu intrigante passado e personalidade enigmática. Queria saber qual obrigação o aguardava no Marrocos, e por que ele estava tentando fugir disto. Contra seu próprio senso de lógica ou autopreservação, Melena também queria ficar tempo suficiente para entender o que inspirava esta apavorante hostilidade de Trigg em direção às mulheres.

E Lazaro...

Haveria tempo suficiente nesta vida para desvendar todo o seu tormento, segredos e pensamentos obscuros escondidos? Será que ele lhe permitiria isto, se por um pequeno milagre eles tivessem mais tempo? Todos aqueles quartos no andar de cima, memórias ausentes... queria ajudá-lo a enchê-los de novo.

Queria ser quem o salvaria desta vez.

— Vamos, — Sav disse. — Você realmente não deveria descer aqui no complexo de operações. Lazaro terá nossas bolas se...

As palavras do guerreiro interromperam quando uma rajada de ar frio e sombrio pareceu soprar da outra extremidade do corredor. Ele estava lá. Melena esperou ouvir Lazaro rosnar sua fúria nos homens, ou exigir saber o que ela estava fazendo de volta no domínio da Ordem, depois que ele a proibiu de distrair sua equipe.

Mas ele não rosnou ou exigiu qualquer coisa. Ficou apenas olhando para ela em silêncio, seu olhar safira treinado, apenas sobre ela.

Intenso. Penetrante. Focado nela com abrasadora consideração sensual.

Ela tremeu um pouco sob aquele potente olhar, nada parecido com medo. Vê-lo lá, olhando para ela como se ninguém e nada mais existisse, somente os dois, era tudo o que podia fazer para impedir-se de se lançar sobre ele pelo corredor abaixo, voando para seus braços.

Mas Melena conteve-se. E agora notou que havia algo diferente sobre ele esta noite. Algo diferente do estado relaxado de seus glifos, em sua expressão treinada.

— Você sumiu por um longo tempo, — ela murmurou. E então começou a aproximar-se dele, entretanto sem o júbilo que sentiu apenas um momento atrás. Isto era algo mais pesado. Algo que cutucava quando a percepção começou surgir nela. — Você se alimentou. Saiu para encontrar um anfitrião de sangue. Uma mulher?

Ele não negou isto.

Maldito, ele apenas ficou lá, observando impassível enquanto ela diminuía a distância, parando na frente dele. A variedade de marcas na pele de seus braços sob as mangas arregaçadas eram tranquilas, saciadas. — Você fodeu com ela também, Lazaro?

Atrás dela, Melena ouviu Jehan pigarrear baixinho. Houve um breve movimento no corredor atrás dela, seguido pelo fechamento educado de uma porta, quando os dois guerreiros fizeram uma saída precipitada.

— Você fodeu? — Ela repetiu, agora que estava somente ela e Lazaro na passagem.

Ele praguejou, veemente e ferozmente sob sua respiração. — Não seja ridícula.

Ela zombou. — Você sabe o que é ridículo? Ficar sentada esperando que você retornasse. Na esperança de que de alguma forma eu não afastei você esta noite. Mas como posso afastá-lo quando nunca o tive em primeiro lugar?

Ela passou por ele rapidamente com um grito ferido e furioso. Não sabia se ele a seguiria. Naquele momento, não se importava.

Mas ele a seguiu. Ela tinha apenas chegado ao piso principal da ala residencial da mansão, quando Lazaro a deteve agarrando-lhe a mão. — Melena...

— Sabe o que é mais ridículo? — Ela se irritou com ele. — Esperava que você voltasse e me dissesse que também percebeu que existe algo sério acontecendo entre nós. — Ela olhou para longe, dando uma sacudida com a cabeça. — É ridículo esperar que um homem que viveu a vida como um fantasma por vinte anos, pudesse admitir que realmente sentisse algo novamente.

Arrancando-se de seu domínio leve, correu para os degraus. Ela o ouviu caminhando atrás dela, mas ele não a impediu agora. A respiração dela estava ofegante quando se encontrou no centro da sala de estar palaciana de Lazaro.

— Não quero outro laço de sangue, Melena. Não arriscarei isto. — Sua voz profunda soou frágil atrás dela. — Então, o que quer que pense que está acontecendo aqui entre nós, não tem nenhum futuro.

— O que quer que eu pense? — Virou-se para enfrentá-lo. Doeu que ele quisesse diminuir o que eles tinham compartilhado, mas ela não acreditava nele. Podia ver que ele se importava. Mas também estava determinado a empurrá-la para longe. Ele realmente tinha intenção de passar o resto de sua vida sozinho, castigando-se por algo que não podia controlar. — Sei sobre sua família, Lazaro. Sei que você se culpa por não estar lá para salvar Ellie e o resto de seu Darkhaven.

Ele olhou para ela com fúria, como se ela tivesse violado algum limite simplesmente ao falar do incidente. — Eles confiaram em mim para mantê-los seguros. Falhei com eles.

— Você não estava lá. Isto é tudo. E isto é uma coisa completamente diferente.

— Não, não é para mim. E se você sabe tanto sobre isto, então também deveria entender por que parti para encontrar um anfitrião de sangue esta noite. Depois de fazer amor com você, se eu ficasse... — Ele exalou acentuadamente. — Os ses não importam. Não quero outra Companheira da Raça acorrentada a mim e dependendo de mim para proteção, para alimentá-la. Por sua vida. Não farei isto com alguém novamente. Prefiro manter meus apetites restritos à fêmeas humanas.

Melena ridicularizou. — Mulheres seguras que você pode foder e se alimentar sem o risco de sentir qualquer coisa.

Ele encarou inabalável o olhar dela. — É mais simples deste modo, sim.

— Mulheres que o deixam livre para ir embora e se chafurdar em sua culpa e autoflagelação.

Os lábios carnudos dele se comprimiram em uma linha plana enquanto ela falava, sua expressão endurecendo agora. — É isto mesmo, Melena. É exatamente este tipo de mulher que prefiro. Simples. Segura. Esquecível. O que não quero é exatamente o que quase aconteceu entre nós hoje. Não vou sacrificar duas décadas de determinação por uns dias de paixão.

E ela não queria ouvi-lo dizer isto. Não mais do que queria reconhecer o remorso que viu em seu sombrio olhar, ou a firme determinação que emanava da cor tempestuosa de sua aura. — Que sorte para você e sua honra martirizada que estarei fora de sua vida amanhã.

Ela virou para longe dele em uma explosão de raiva quente e orgulho amargo.

Ela nem sequer tinha dado dois passos.

Lazaro de repente estava na frente dela. E estava fumegando. Ele agarrou os ombros dela, bloqueando seu caminho com a parede de seu corpo musculoso e o poder de sua fúria súbita.

Faíscas âmbar crepitando vinham dos charcos azuis escuros de seus olhos, quando o olhar dele se chocou e bloqueou com os dela. — O fato de que logo estará fora da minha vida é uma sorte para você também, Melena. — Ele respirou fundo e mais fogo saltou de suas íris, reduzindo suas pupilas em afinadas fendas inumanas. — Você deveria estar me agradecendo por minha restrição neste momento, não batendo o pé e fazendo beicinho como uma criança petulante.

— Me solta. — Ele não o fez. Ao invés disso, seu aperto apenas ficou mais firme. Seu rosto estava tão perto do dela agora, os ossos de suas altas bochechas angulares afiaram com o surgimento de suas presas. Ela se recusou a se encolher sob a plena explosão de sua fúria Gen Um. — Chama isso de contenção, o fato de que nega a si mesmo, coisas que realmente quer? Acha honestamente que sua culpa jamais vai libertá-lo se apenas continuar alimentando isto com seu isolamento auto imposto e honra vazia, sem sentido?

Um rosnado enrolou da garganta dele. Isto escapou por entre os arreganhados dentes e presas. — Você é muito jovem para me ensinar sobre vida e morte, ou culpa e honra. Não tem ideia do que está falando.

— Não? — Ela desafiou calorosamente. E talvez um pouco imprudente também, mas estava tão chateada com ele agora, que não conseguia parar. — Vinte anos lambendo suas feridas, escondendo-se da vida? Fingindo que não precisa de nada e nem de ninguém? Um de nós está agindo como uma criança mal humorada, mas com certeza não sou eu.

Um rosnado baixo e estrondoso. Isto foi todo o aviso que ela teve. Em seguida, a boca de Lazaro veio com força sobre a dela. Seu beijo era cruel, punitivo. Enriquecido com fúria crua e violenta necessidade.

Melena sentiu as presas dele pressionando contra seus lábios, contra sua língua quando abriu a boca para seu beijo invasor. Ele não estava represando nada agora. Ela sentiu aquela forte intenção rolar por ele com a batida feroz do coração dele contra os seios dela. Sentiu isto na demanda de aço de seu pau, quando ele colocou o braço em torno de suas costas e a puxou para um abraço brutal, esmagando seu abdômen no imenso pico de sua ereção.

Ela sentiu a parede subir contra sua coluna e percebeu desorientadamente que ele havia a movido de lá usando o poder de sua genética da Raça, para impulsioná-los pelo chão em um instante. Lazaro fodeu sua boca com a língua, roçou seus lábios com os pontos mortais de suas presas. Seu corpo grande enjaulando-a, não lhe permitindo espaço para escapar, mesmo que tentasse.

— Agora me diga o que você sabe sobre a minha contenção, Melena. — Sua voz caiu para um timbre tão baixo, tão perigosamente sombrio, tudo de razoável e sensato nela tremeu com uma expectativa terrível. O olhar impiedoso dele perfurou-a, desafiando-a a recuar quando ele inclinou a cabeça em direção à garganta vulnerável. — Fale sobre a minha honra vazia.

Ela não podia falar. Todos os seus sentidos estavam esticados, espiralando até o ponto de ruptura. Sua respiração corria quente e febril através de seu pescoço, na concha sensível de sua orelha. Seu pulso estava acelerado, a eletricidade correndo por suas veias em todos os lugares que Lazaro tocava. Ele estendeu a mão, correndo as pontas dos dedos sobre a marca de lágrima e lua crescente escarlate na base de sua garganta.

— Diga-me que não está com medo de que eu vá tomar a sua doce carótida frenética com meus dentes agora, e fazer exatamente o que eu estava morrendo de vontade de fazer desde que a vi pela primeira vez no barco na noite passada.

Ela estava com medo. E apesar de todo seu desejo por ele, apesar de sua sensação de que estava esperando a vida toda por ele e nunca tinha percebido isso até agora, as presas de Lazaro aninhadas tão perigosamente perto de sua garganta, colocava uma flecha de verdadeiro pânico em seu sangue.

Se ele perfurasse sua veia, apenas um gole de seu sangue de Companheira da Raça criaria um vínculo exclusivo e inquebrável. Ele estaria ligado à ela pelo resto de seus dias, ou até a sua morte, que deveria chegar logo.

Um gole e ele não ansiaria mais ninguém.

Ele sempre sentiria Melena em seu sangue, mesmo que estivessem separados. Mesmo quilômetros ou países inteiros os separando.

Um gole e não haveria outra Companheira da Raça para ele, mesmo que bebesse de outra mulher com a marca após, a conexão estaria formada com Melena.

E se ela bebesse dele em troca, o vínculo deles seria um círculo completo. Sustentável. Eterno. Inquebrável, exceto pela morte.

Melena prendeu a respiração, de repente entendendo o impacto total de quem ela estava convidando. Lazaro Archer, um dos mais antigos, mais formidáveis machos Gen Um existentes da Raça, seu corpo pressionando contra o dela do peito ao tornozelo, seus enormes dentes arreganhados e pairando sobre sua carótida.

E ele a queria.

Cada centímetro musculoso dele estava enrolado de poder, tudo isso no fio da navalha de quebrar. O desejo queimava em seus olhos, o desejo pelo corpo dela e pela veia que pulsava tão loucamente perto de sua boca. O calor e a força rígida pulsando, onde sua pélvis pressionava tão exigente em seu abdômen.

Ele estava feroz, selvagem e quase desequilibrado... e ela nunca tinha conhecido ninguém mais intenso em sua vida.

— Maldita seja por me fazer querê-la, — ele murmurou densamente. Seu hálito ardente patinou em sua pele eletrificada como um pingo de fogo. — Maldita seja por me fazer querer isso...

Ela ouviu sua breve inspiração. Sentiu sua cabeça descer, os lábios e a língua vedando sobre sua pele. Então, ela sentiu a mordida de Lazaro.

Afiada.

Profunda.

Irrevogável.

A primeira corrida quente do sangue de Melena sobre sua língua martelou nele como um trem de carga. Morno, rico, potente. E atado com o rastro mais doce de caramelo e cerejas escuras, maduras, o cheiro de sangue de Companheira da Raça, uma fragrância que o havia tentado desde o momento em que entrou em contato com isto pela primeira vez. Agora aquele cheiro o chamaria tão seguramente quanto uma varinha de condão buscando uma fonte de água fresca e pura.

Ele a sentiria em seu sangue, tudo que ela experimentou mais intensamente, agora ecoava em suas veias. Sua alegria, sua tristeza, seus medos. Suas fomes. Melena o possuía agora.

O vínculo que ele tinha acabado de ativar dentro dele era inquebrável. Ela era uma distração para sua mente, vontade e corpo antes; agora ela seria seu vício ao longo da vida.

E, embora mais de mil anos de lógica se esforçasse para persuadi-lo de que o sangue de Melena era uma algema que não deveria querer e nem necessitava desta porra, a parte dele que era puramente macho, elementarmente Raça, rugia com a uma palavra que Lazaro nunca pensou que articularia novamente: *Minha*.

Ele tinha conhecido este sentimento antes. Mas o que tinha com Melena agora era ainda mais intenso, que era pelo quão forte tentava desesperadamente resistir a isto. Ele gemeu de prazer possessivo, nocauteado de seu eixo com uma força que o cambaleou.

Pasmou-o.

Putá merda, o humilhou.

Ele bebeu mais, esfomeado por ela. Vinte anos alimentando-se de humanos anfitriões de sangue se incendiaram, enquanto drenava avidamente da veia tenra de Melena. O sangue dela subiu por seu corpo, nutrindo suas células, enquanto envolvia o vínculo sedoso dela ao redor da alma dele.

Ela era dele. Ainda que sua mente e vontade relutassem em aceitar aquele fato, seu corpo sabia disso com uma ferocidade que dificilmente poderia conter agora. E onde seu desejo por ela tinha lhe consumido quase desde o momento em que pôs os olhos nela, duas noites atrás, agora isto estava um inferno de furioso exigindo sua própria satisfação.

Ele a queria selvagememente.

Precisava dela com uma fúria que o deixava agitado.

Percebeu naquele momento que não era apenas o laço de sangue que a amarrava à ele. Melena o teria possuído ainda que ele não tivesse cedido a sua sede por ela esta noite.

O quão indesejável era aquele pensamento, o quão enervante ele achava isto, pensar que ela obliterou sua longa resolução férrea, isto era uma verdade que Lazaro não podia negar.

E mesmo agora, ele não conseguia o suficiente dela.

* * *

Oh, Deus, ela estava perdida por este homem.

Nunca soube como seria ter um macho da Raça bebendo dela. Gostou tanto no que dizia respeito a ele, que Melena não tinha estado preparada.

Com sua cabeça caída para trás e Lazaro chupando com longas e fortes sucções em sua carótida, ela dissolveu-se em um estado de puro êxtase embriagador. Ela o segurava enquanto ele bebia dela, amortecendo seu grande corpo enquanto ele empurrava contra ela onde estavam parados.

As veias dela estavam queimando. O âmago dela estava derretido também. Cada exigente sucção em sua garganta enviava flechadas de prazer e disparava uma necessidade por cada célula de seu ser.

Quando Lazaro de repente parou de sugá-la e passou a língua sobre os ferimentos que fez, Melena gemeu em protesto. — Preciso de você nua agora, — ele murmurou densamente contra a garganta dela. — Não posso esperar muito mais tempo.

Nem ela poderia. — Sim, — ela ofegou, as mãos ainda tentando agarrá-lo quando ele começou a abaixar-se diante dela. Ele trabalhou rapidamente em sua calça e calcinha, expondo-a para ele com a roupa agrupada aos pés dela. Com um rosnado baixo, ele se moveu para beijar cada osso do quadril, então desceu mais, enterrando seu rosto entre as coxas dela. — Oh, Deus...

A língua dele abriu suas dobras quentes, molhadas e famintas. Em longos golpes de dobrar os joelhos, ele lambeu e chupou, então beijou e mordiscou, extraindo um gemido dela enquanto puxava seu clitóris para a boca e a levava em direção a um frenesi. Ela sentiu os dentes dele pastar em sua carne sensível, sentiu as pontas de suas afiadas presas ficando maiores, enquanto ele se refastelava sobre ela com um abandono implacável.

Ela estava tremendo de necessidade dura, à beira do orgasmo já, enquanto ele beijava lentamente seu caminho de volta pra cima em seu corpo. Com um profundo, rosnar, ele a desnudou de seu suéter e sutiã, então os lançou de lado para olhar para sua nudez com os olhos âmbar em chamas. O sangue dela manchando o lábio sensual dele com uma tonalidade mais escura, deixando suas presas brancas como diamantes destacando em um contraste gritante.

Ele nunca pareceu mais perigoso ou desumano... nem mais extraordinariamente bonito.

— Lazaro, — ela suspirou, sua voz emplumada, tão instável quanto suas pernas. Aquele suspiro se tornou um gemido quando ele se refastelou com seus seios e mamilos, com as mãos e boca, língua e dentes.

Ele murmurou o nome dela em uma fervorosa voz animalesca, que enviou seu sangue ondulando com um prazer e excitação maior ainda. Ele necessitava dela agora, tanto quanto ela precisava dele. Com uma maldição ele soltou o mamilo dela e recuou para descartar suas calças e camisa. Ele ficou diante dela como um deus transcendental.

Magnífico. Apavorante. E dela.

Melena estendeu a mão entre seus corpos para pegar o saliente comprimento de seu pau. Seu eixo mais do que preenchia a mão dela, espesso, morno e pulsando com força. Ele ronronou fundo enquanto ela o acariciava, então tomou sua boca em um beijo selvagem. Ela pôde sentir seu próprio gosto na língua dele, o sangue e os sucos dela, um erótico gosto adocicado, que apenas a fez queimar ainda mais por ele. Acariciou-o com mais força, ansiando por ele com uma dor desesperada que exigia ser preenchida.

— Posso sentir sua necessidade em seu sangue, Melena, — ele murmurou asperamente contra os lábios dela. — Está vivo em mim agora. Intenso pra caralho. Tudo o que você sentir com esta força, eu sentirei também. — Ele flexionou os quadris, seu eixo aumentando, ainda mais poderoso dentro do círculo apertado de seus dedos. — Preciso estar dentro de você. Me ponha lá.

Ela obedeceu, guiando-o para a fenda lisa de seu corpo. Ele dirigiu para casa com um gemido selvagem, um impulso feroz fazendo-a gritar de prazer. Ele deu-lhe mais, martelando com força e urgência, sua falta de restrição enviando seu próprio controle espiralando para longe. Ela agarrou-se nele enquanto ele a fodia contra a parede, o orgasmo rugindo nela em uma onda chocante de sensações.

Ela gozou rápido e com força, convulsionando em tremores que a sacudiam da cabeça aos pés. Quando ela despedaçou ao redor dele, o ritmo de Lazaro se tornou uma tempestade. Ele colidiu com ela com abandono, seu corpo imenso tenso e tremendo, então deliciosamente selvagem. Ele praguejou contra o lado do pescoço dela, enquanto seu próprio gozo rugia em cima dele. Ela sentiu-o ficar rígido, entrando mais fundo com cada golpe, até que um grito sem palavras rasgou dele e ele gozou.

Melena registrou a explosão quente do orgasmo dele, um calor que sentiu em seu âmago e em cada partícula formigando de seu ser. Ela estava drenada e completa tudo de uma vez, flutuando em um prazer que a balançou até a alma.

Mas Lazaro não tinha acabado com ela ainda, aparentemente.

Em vez de retirar-se, ele guiou suas pernas ao redor dele, erguendo-a contra ele, seus corpos ainda juntos e vibrando com os tremores do orgasmo. Ele a levou para o quarto, colocando-a debaixo dele na grande cama.

Então começou a levá-la a loucura de desejo e prazer tudo de novo.

* * *

A tentação de ficar com ela em sua cama tinha sido tudo menos irresistível, mas depois de horas fazendo amor com Melena, Lazaro finalmente deixou-a dormir. Não foi uma coisa fácil, pelo quanto ainda ansiava por ela. Seu desejo pelas curvas suaves e o calor viciante dela era rivalizado apenas por sua mais nova sede por ela.

Não queria pensar sobre o quão forte aqueles impulsos eram, agora que tinha se permitido ser tão imprudente e egoísta, a ambos.

Ele não queria pensar sobre quão certo era a sensação de estar perto dela, dentro dela, ouvir seus gritos suaves de prazer ou as baforadas silenciosas de sua respiração, enquanto dormia tão docemente e confiante em seus braços.

Ele não queria pensar sobre nada disso, quando a realidade esperava por eles em D.C. em apenas algumas poucas horas.

Lazaro escapuliu do lado de Melena para tomar banho e se vestir, a madrugada um espinho em suas veias de Antigo da Raça, enquanto descia para o centro de comando para se reunir com sua equipe. Os guerreiros estavam exatamente entrando da patrulha da noite.

Trygg não disse nada enquanto se aproximava junto com os outros da outra extremidade do corredor. O guerreiro brutal simplesmente entrou a passos largos na sala de reunião da equipe, para a revisão da missão. Jehan e Sav ambos desaceleraram quando se encontraram com Lazaro no corredor. Eles o saudaram com acenos de cabeça determinados e sóbrios, com suspeita no olhar.

— Como foram lá fora? — Lazaro perguntou. — Algum rumor na rua sobre a explosão no iate de Turati?

Jehan respondeu primeiro. — Nada que tenhamos encontrado. Foi só uma noite típica na Cidade Eterna. Um par de clubes de rixas para quebrar antes que conseguissem muito sangramento e criassem um problema maior. Um punhado de jovens da Raça se alimentando depois do toque de recolher próximo à estação de trem.

— Nenhuma atividade incomum então?

Sav olhou para baixo, tentando suprimir um sorriso. — Parece que a única atividade incomum que aconteceu ontem à noite foi aqui.

Lazaro fuzilou, mas não poderia se ofender com a verdade.

— Está tudo bem, Comandante? — Jehan perguntou sempre o profissional diplomático, apesar de ser um dos guerreiros mais perigoso que Lazaro já viu. — A situação com Melena pareceu... difícil.

E agora, estava apenas mais difícil. Sem mencionar complicada. Se ela tinha motivos para menosprezá-lo ontem à noite depois que a seduziu, em seguida fugiu para encontrar uma Anfitriã de sangue, agora tinha todas as razões do mundo para abominá-lo pelo que fez algumas horas atrás.

E pelo que ainda tinha que fazer, depois que a levasse em segurança para casa nos Estados Unidos.

— O bem-estar de Melena Walsh não é preocupação de ninguém aqui, apenas minha, — ele disse, ávido para fechar o tópico da discussão, embora isto pesasse muito sobre ele. — A Ordem tem suas próprias dificuldades para se preocupar. Por exemplo, alguém está se incomodando que ninguém avançou para reivindicar a responsabilidade pelos assassinatos de

Turati e Byron Walsh na outra noite? O ataque cheira a Opus Nostrum, ainda que o grupo não declarasse formalmente que foram eles que fizeram.

— Talvez estejam esperando pelo tempo certo para revelarem isto, — Savage sugeriu.

Jehan grunhiu não muito seguro, se o olhar astuto em seus olhos azul-celeste fosse qualquer indicação. — Se foi a Opus, talvez isto não tenha sido um ataque sancionado. Talvez tenha sido um membro zeloso tentando fazer um nome para si mesmo entre seus companheiros. Ou talvez tenha sido feito por razões mais pessoais que isto. Turati era um homem de negócios de alto nível, com conexões políticas também. Ele poderia ter tido todo número de inimigos. O mesmo poderia ser dito de Walsh.

Lazaro deu um aceno com a cabeça severo. O guerreiro poderia estar certo sobre quaisquer daqueles argumentos. E a única coisa mais preocupante do que a Opus fazer uma jogada tão ousada, era o pensamento de um agente renegado operando seus próprios planos.

Caminhando pela sala de reunião com Sav e Jehan, Lazaro não poderia se impedir de reviver o choque e o horror da destruição do iate. E o fato de que Melena poderia ter sido parte da carnificina? Que tinha estado a meros segundos da completa obliteração junto com os outros naquele iate?

Cristo. O que o abalara naquela noite, o que o tinha ultrajado era como o homem e como o único encarregado da segurança daqueles homens mortos, agora colocava um nó frio de pavor em seu peito.

Isto colocava um medo real de congelar a medula em seus ossos.

Agora mais do que nunca, precisava garantir que ela fosse mantida longe do alcance do perigo. E tão amargo quanto o gosto que estava em sua língua, ele sabia que qualquer um na esfera da Ordem, ou no cada vez maior número de inimigos buscando incitar a verdadeira guerra entre homem e Raça, sempre estaria em risco.

Como Ellie tinha estado.

Como seus filhos e a dúzia de outros membros da família que viviam no Darkhaven de Lazaro que foram mortos sobre sua vigilância.

Ele não poderia aguentar que nada acontecesse com Melena. Ela já tinha tido dor e perda o suficiente.

E ele também teve.

Quando Lazaro ocupou sua cadeira na cabeceira da mesa de conferência na sala com seus homens, Trygg espalmou um pedaço de papel e deslizou-o em direção a ele. — O que é isto?

Trygg movimentou a cabeça raspada para a nota que tinha rabiscado. — A localização do irmão dela, como você pediu. — Lazaro olhou para o endereço em Baltimore, Maryland. — Derek Walsh está viajando para fora de Londres enquanto nós conversamos. Reservou o voo ontem, após a morte de seu pai a bordo do iate de Turati virar manchetes internacionais.

Lazaro assentiu gravemente. Ele gostaria que o irmão de Melena, o único parente de sangue de Byron Walsh, tivesse ouvido as notícias de outra forma, mas não tinha como consertar isto agora. Pelo menos o irmão dela estaria lá para ela. Ela estaria em casa novamente, com a família e as coisas familiares. Deus sabia que ela precisava de algum lugar suave para cair nestes últimos dias, Lazaro pensou sombriamente. E ela não tinha precisamente encontrado isto com ele.

Não, encontrou lágrimas, raiva e dor.

Ela encontrou um homem mal preparado para dar-lhe o que precisava, o que uma mulher extraordinária e de bom coração como Melena merecia na vida... e no amor.

Em vez de oferecer-lhe conforto durante seu estado mais vulnerável, ele grunhiu e rosnou para ela. Quando não estava ocupado seduzindo-a, também.

Quando não estava egoisticamente saciando todas as suas necessidades sobre ela, como se fosse merecedor de seu coração ou seu sangue.

Ele não tinha nada que ceder a estes impulsos enquanto a guerra ainda estava se formando ao redor dele. Enquanto houvessem inimigos matando inocentes, seu dever era, e sempre seria, com a Ordem. Como poderia ter se deixado deslizar tão notoriamente quando se tratava de Melena? Como podia ter se deixado apaixonar quando sabia muito bem com que facilidade isto poderia ser arrancado de seus braços em algum momento?

Amor...

Porra. De todos os impulsos precipitados que tinha sido incapaz de resistir quando se tratava de Melena, este seria o mais tolo deles todos.

Amá-la seria até mais egoísta do que o laço de sangue que não tinha nenhum direito de reivindicar e nenhuma intenção de completar.

CAPÍTULO 10

Lazaro tinha partido quando ela acordou aquela manhã.

Ele tinha se ausentado a maior parte do dia, desaparecendo no seu centro de comando até que chegou a hora de Melena e ele saírem para o voo para D.C. naquela tarde. Até a bordo do jato privado da Ordem, Lazaro permaneceu distante, uma unidade de comunicação em sua orelha a maior parte do tempo, ou sua atenção enraizada em seu trabalho e seu computador. Ela o teria chamado de preocupado, mas sua aura esfumaçada carregava uma resistência deliberada.

Horas mais tarde e milhares de quilômetros longe de tudo o que compartilharam em Roma, Melena estava sentada ao lado dele no interrogatório com Lucan Thorne e alguns outros membros da Ordem em Washington D.C., a sede, sentindo-se quase como se estivesse acomodada próxima a um isolado estranho educado. Ele a apresentou gentilmente, quase formalmente, não dando a ninguém um motivo para suspeitar que ela fosse qualquer coisa mais para ele, do que uma civil temporariamente colocada em sua custódia, depois do ataque ao iate de Turati.

Ele foi cuidadoso em não tocá-la, embora o calor crepitasse entre eles ao mais leve contato. Foi cuidadoso de não deixar seu olhar demorar-se muito tempo, embora seus olhos índigos ardessem conscientes toda vez que olhava em sua direção. Ele estava frio e determinadamente distante.

Isto a fazia querer gritar.

Ela ainda sentia aquele impulso inundando, já tendo sido removida da reunião para acompanhar algumas das mulheres da Ordem para a sala de estar da elegante mansão da sede, enquanto os guerreiros continuavam a discussão em particular.

— Você está certa de que não gostaria de algo para beber ou comer Melena? — A Companheira da Raça ruiva de Lucan Thorne, Gabrielle, ofereceu um sorriso caloroso para ela, indicando uma mesa lateral disposta com pratos com sanduíches e bolinhos. Chá preto e camomila mergulhados em seus bules ao lado de um serviço de porcelana branca elegante.

Embora seu apetite não estivesse lá, tudo parecia e cheirava delicioso, e Melena estava relutante de rejeitar a generosidade da mulher. — Obrigada, acho que aceitarei alguma coisa.

Ela se aproximou do sofá, juntando-se à Gabrielle e duas outras mulheres da Ordem.

Todas as Companheiras da Raça presentes esta noite na sede tinham sido nada além de amáveis e acolhedoras. Eles eram uma família. Isto estava bem claro. E no pouco tempo que tinha estado sentada com elas, cada uma delas fez o melhor que podiam para fazer Melena sentir-se em casa e entre amigos também.

Melena ficou exausta de sua sessão com Lucan e os outros guerreiros, para não dizer do medo que sentia toda vez que olhava para Lazaro. Estar ao redor de outras mulheres ajudou a dissolver algumas daquelas ansiedades, ainda que pudesse apenas ser por pouco tempo.

Ela não conseguia evitar observar o corredor, esperando por alguma indicação de que a reunião tivesse acabado, assim ela e Lazaro poderiam finalmente ir para algum lugar reservado para conversarem. Então ela poderia livrar-se do sentimento terrível que tinha de que ele, de alguma maneira já tinha ido.

Gabrielle entregou-lhe um pratinho, tirando Melena de seus pensamentos sombrios. — Se você quiser algo mais substancial, Savannah fez uma grande panela de jambalaia¹ hoje cedo. Você realmente não se arrependerá de alguns dos incríveis pratos dela.

— Tenho meus numerosos e variados talentos, — Savannah disse, seus olhos marrons feitos uma corça dançando com o elogio. A bonita Companheira da Raça de pele marrom escuro estava vinculada à Gideon, outro dos guerreiros presentes esta noite. Onde o grande loiro companheiro dela tinha uma intensa qualidade, mas ligeiramente loucura de gênio sobre ele, Savannah parecia ter tranquilidade e uma suave confiança.

Quando Melena colocou alguns sanduíches de pepino e tortas de pêssego em seu prato, ela achou quase impossível afastar de olhar fixamente para a terceira mulher no quarto com elas, aquela vinculada com o guerreiro chamado Brock. Jenna não parecia com nenhuma de suas amigas Companheiras da Raça. De fato, Melena não achava que ela fosse nem mesmo uma Companheira da Raça, embora definitivamente ela não fosse completamente humana também.

Alta e atlética, Jenna usava seus cabelos castanhos cortados rente ao couro cabeludo. Ela era bonita, até mesmo formidável de uma forma indefinível, e quando se debruçou sobre o aparador para servir uma xícara de chá, Melena notou um padrão complicado de marcas na pele de sua nuca. A pele marcada parecia incrivelmente e impossível, semelhante a...

— São aquelas tatuagens tribais, ou...

— Não são tatuagens. — Os olhos castanhos da Jenna estavam sorrindo, mas havia uma nota de seriedade em sua voz. Ela virou-se para fornecer uma visão melhor. A disposição se espalhava cobrindo a parte de trás do pescoço de Jenna, desaparecendo por baixo do colarinho de sua blusa. Os arcos e redemoinhos trilhavam para cima também, bem na linha de seus cabelos e para cima na parte de trás de seu crânio. Pela aparência disto, eles continuavam para baixo pela espinha de Jenna e sobre seus ombros também.

— Eles são dermoglifos. — Melena franziu o cenho, surpresa e confusa. O nascimento de fêmeas da Raça era desconhecido por milênios. Elas não poderiam ter existido se não para as experiências genéticas conduzidas nos laboratórios de Dragos, décadas antes de ele ser morto pela Ordem. Mesmo assim, havia apenas um punhado de mulheres conhecidas que suportavam os glifos e os apetites de sangue da Raça.

Melena viu-se encarando agora, observando Jenna empilhar em seu prato uma variedade saudável de doces e sanduíches. — Você pode comer tudo isto?

Jenna sorriu. — Provavelmente voltarei em segundos.

¹ Prato crioulo proveniente da Louisiana feito com camarões, presunto, arroz, cebola, etc.

— Sinto muito, — Melena deixou escapar, parecendo imediatamente estúpida e rude por deixar sua curiosidade sobrepor suas maneiras. — Apenas pensei...

— Você pensou que eu era da Raça? — Jenna estalou uma minúscula massa em sua boca e deu uma sacudida com a cabeça. — Não é bem assim. Mas já não sou completamente humana a um longo tempo também. Acho que desde que Brock me ame, não importa onde eu acabar. Juntos poderemos lidar com qualquer coisa, e nós iremos.

Suas duas amigas movimentaram a cabeça concordando, e Melena sorriu embora o sentimento fosse agri-doce para ela. Acreditou que ela e Lazaro estivessem indo em direção a algo especial assim também. A morte de seu pai ainda era uma dor crua em seu coração, e seria por um longo tempo. O ataque ao qual tinha sobrevivido por pouco ainda à mantinha em um aperto frio. Mas Lazaro a ajudou a passar por isto.

Ele tinha sido sua rocha, seu conforto, quer ele quisesse aceitar aquele papel ou não. E desde que deixaram Roma, sentia aquele apoio se esvaindo. Não, sentia com uma maldita certeza que ele não estava escorregando, estava fugindo. Cortando-a com seu silêncio proibitivo e estoicismo enlouquecedor.

Quando ela finalmente ouviu sua voz profunda se aproximando com Lucan e os outros, o coração da Melena começou a bater em um pesado tempo de expectativa. Ela não sabia se sentia alívio ou pavor quando ele caminhou a passos largos para o limiar da sala de visitas, e aqueles olhos azuis escuros penetrantes a encontraram, travando com uma intensidade que provavelmente sempre a inflamaria com um calor imediato em seu sangue.

— Melena. Posso ter uma palavra com você. — Não uma pergunta, não um convite. Uma demanda sóbria.

Ela ergueu-se e caminhou para encontrá-lo enquanto o resto do grupo caía em conversa fácil atrás deles. Lazaro a levou pelo corredor abaixo para outra sala de estar formal. Cuidadosamente fechou a porta, mantendo-se de costas para ela por mais tempo do que gostaria.

Melena não precisava ver seu rosto impassível para saber que ele estava para esmagar seu coração, quando ele finalmente virou-se para olhar para ela. Sua aura era uma nuvem escura, o cinza escuro fechado de antes.

Antes da primeira vez em que a tocou, a beijou.

Antes de ele mostrar-lhe tal paixão e ternura incríveis quando fez amor com ela. E quando ele mordeu sua veia e tomou seu sangue no corpo dele, em sua alma.

Todos aqueles momentos pareceram evaporar enquanto olhava para ele agora. Eles se tornaram nada sob o olhar arrependido nos olhos atemporais.

Mas os momentos que tiveram não foi nada. Ele sentiu tudo o que ela tinha. Ele a quis. Importou-se com ela. Importou-se talvez até tanto quanto ela tinha com ele. Podia ver aquela verdade brilhando como diamante rompendo a resistência enlameada da aura dele.

Tudo o que eles compartilharam em Roma significou algo poderoso e extraordinário para ele também. Mas não foi suficiente.

— Por quê? — Ela murmurou, sua garganta seca como cinza.

Ele não fingiu não entender. — Eu disse a você desde o início, Melena. Não estava procurando por isto. Não tenho um lugar para isto em minha vida.

— Para isto, — ela disse. — Você quer dizer, para mim. Para nós.

Ele deu um aceno com a cabeça sombrio. — Para tudo o que você merece. Para tudo o que não posso dar-lhe.

— Não me recordo de pedir por qualquer coisa, Lazaro. Nem sequer pedi por seu coração.

— Não, mas você o tem, — ele admitiu em voz baixa. — Acho que possuiu um pedaço de meu coração desde a noite em que a arrastei para fora daquele lago congelado em Boston.

— Então por quê? — Maldito, mas aquelas palavras gentis machucavam ainda mais do que saber que ela estava para perdê-lo. — Por que está se afastando de mim agora? Por que age como se eu não significasse nada para você?

Ele segurou o olhar dela, o dele assombrado e cheio de remorso. — Porque não é justo com você, deixá-la pensar que eu poderia ser o tipo de companheiro digno de você.

Ela não podia impedir-se. Ela ridicularizou com fragilidade. — Uma pena que não tenha chegado a esta conclusão antes de beber do meu sangue.

— Disse a você que não estava procurando por um vínculo, Melena. — Seu tom era suave, mas firme. Tão resolutivo quanto sua aura. — Sabia que eu não podia te fazer esta promessa.

— Não. Porque prefere acordos simples. Sem envolvimento ou complicações. Ninguém para tentá-lo a jogar fora vinte anos de determinação por alguns dias de paixão. Não foi isto o que você disse?

Ele não disse nada por um longo momento, olhando para ela severamente. — Resisti à tentação por um tempo muito grande, Melena. E foi fácil. Até que a encontrei.

Talvez ela devesse ter ficado comovida pela confissão. Talvez, se ele não tivesse ali em pé dando-lhe todas as suas razões de porque tinha a intenção de quebrar seu coração. Ao invés disso, ela pensou em tudo o que eles disseram um para o outro na acalorada raiva e paixão na noite passada.

Era verdade, ele tentou resistir a ela. Tentou empurrá-la para longe antes que perdesse sua condenável moderação. Ela não ajudou, mas não fingiria que podia se afastar do que eles tiveram, do que poderiam ser capazes de construir juntos como um casal.

Lazaro tentou adverti-la de que não era um herói vindo para salvar o dia.

Ele tentou adverti-la que ela não poderia estar segura em seus braços.

E ela o ignorou todas às vezes.

No entanto, apesar de toda sua honra rígida e controle duradouro, ele não foi capaz de impedir-se de reivindicá-la.

Ele perfurou sua veia, tragou seu sangue... criando um vínculo que nenhuma outra mulher jamais poderia quebrar enquanto Melena respirasse.

E isso não foi um benefício conveniente do seu colossal deslize de autodisciplina?

— Você me usou, Lazaro?

As sobrancelhas de ébano dele se juntaram. — Te usei? Cristo, não. Melena, você não pode pensar que...

— Duas décadas de negação se acabando em apenas dois dias, — ela lembrou-lhe. — E agora, com meu sangue vivendo dentro de você, nunca mais será tentado por outra Companhia da Raça. Não terá nenhuma habilidade de se relacionar com qualquer outra desde que eu viva, então quando se afastar de mim agora, você estará livre. Livre como nunca estive todo este tempo. Parabéns. Estou tão contente que eu possa coçar permanentemente esta coceira irritante para você.

Ele moveu-se tão rápido que ela não pôde segui-lo. Em um momento estava a vários centímetros de distância da porta fechada do quarto, no próximo estava restringindo-a com seu grande corpo, as mãos dele apertadas ao redor dos bíceps dela. Seus olhos relampejando com um âmbar furioso.

— Você não é uma coceira que eu precise coçar. — Sua voz retumbou, baixa, profunda e dura, com afronta. — Porra, Melena. Não diga isto. Jamais acredite nisto.

— Então o que estamos fazendo? Você tem me excluído desde que deixamos Roma. Se você gosta de mim, e sei que gosta, posso ver isto, posso sentir isto, então por que está se afastando?

— Porque não posso fazer isto de novo. Você conhece a perda, Melena, mas não sabe o que é perder um companheiro. Jamais quero conhecer esta dor novamente. E com você, — ele praguejou duramente. — Vi você quase morrer duas vezes. Não quero conhecer como seria esta sensação agora que seu sangue vive dentro de mim. E não quero ser a razão de você não estar segura. Minha vida está comprometida com a Ordem agora. É uma vida perigosa. Não a colocarei no fogo cruzado.

— Você não acha que isto é algo que eu mesma deveria decidir?

Ele olhou fixamente para ela por muito tempo, mudo, mas inabalável. — Levarei você em segurança de volta para casa em Baltimore esta noite. Seu irmão já deve estar lá também.

— Você conversou com Derek? Quando? — Apesar do fato de seu coração estar partido, recuperou-se com a menção de seu irmão. — Onde ele está? Como ele está? Ele sabe que estou bem?

Lazaro balançou a cabeça sobriamente. — Não houve tempo de contatá-lo antes de chegarmos. Trygg o encontrou em um voo vindo de Londres esta noite.

— Preciso vê-lo, — ela murmurou. — Derek precisa saber que estou viva.

— Sim, — Lazaro concordou. — Podemos partir assim que estiver pronta.

— E depois? — Ela perguntou cautelosamente. — E quanto a você?

— Então retornarei para Roma.

— Quando? — Ela perguntou, embora seu medo já soubesse a resposta.

— Parto esta noite. Os acordos já foram feitos. O jato da Ordem está reabastecendo e me esperando retornar em algumas horas a partir de agora.

— Tão cedo. — Ela exalou bruscamente. — Imagino que você deve estar ávido para descarregar seu fardo e seguir com sua vida.

— Não pense que isto é fácil para mim, — ele disse, franzindo o cenho enquanto erguia a mão para acariciar seu rosto. — Seria mais fácil ficar, ou levá-la de volta comigo para o centro de comando em Roma. Seria a coisa mais fácil do mundo apaixonar-me por você, Melena.

Ela engoliu em seco, presa em seus sombrios olhos atormentados. Com medo de acreditar que ele pudesse vir a amá-la. Com medo que ele nunca fosse.

Ele deixou a mão cair. — Tornou-se extremamente fácil imaginar você ao meu lado, como minha companheira. Mas estas são coisas que não posso lhe dar. Não posso lhe pedir para arriscar sua vida entrando em meu mundo. As pessoas morrem ao meu redor. Não posso me permitir ser responsável pela vida de qualquer outra pessoa, por sua vida. Você entende?

— Sim, acho que finalmente entendo. — A realidade atingiu com uma clareza agora, e nenhuma raiva. — Você não está fazendo isto por preocupar-se comigo. Está fazendo isto porque tem medo. Achei que estava sendo nobre negando-se outro vínculo de sangue todo este tempo. Achei que era a honra que o fazia se recusar a deixar outra mulher entrar em seu coração, e acho que eu o amava mais ainda por isto. Mas estava errada, não é? Está me afastando agora porque esta com medo. Está fugindo de algo que poderia provavelmente ser incrível, porque tem horror a sentir qualquer tipo de dor novamente. A única pessoa com quem está preocupado é você mesmo.

Ele não negou isto. Não tentou defender ou justificar qualquer coisa que ela disse. Ele soltou uma exalação lenta. Sua mandíbula estava definida e rígida, sua aura inflexível. — Quando estiver pronta, eu a levarei para casa, para o Darkhaven de sua família.

— Não, não se incomode. Você não é responsável por mim, lembra? Encontrarei meu próprio caminho para casa. — Ela tentou passar por ele, ele agarrou seu braço, a infelicidade ardendo sob a determinação em seus olhos azuis escuros. — Me deixe ir. É isso o que você quer, então estou te dando isto.

— Melena...

Ela retorceu-se de seu aperto frouxo. — Adeus, Lazaro.

Desta vez, ele não a impediu. Ele ficou parado imóvel, retraído, enquanto ela passava por ele e saía pela porta.

CAPÍTULO 11

Uma hora mais tarde, Melena estava sentada rigidamente no assento do passageiro da SUV da Ordem, enquanto rodava até o Darkhaven de sua família em Baltimore. O grande triplex deveria ter sido uma visão bem-vinda de muitas formas, mas tudo o que sentia era pesar, quando olhou para isto pelo vidro fumê da janela do veículo.

Tristeza por ela nunca mais ouvir a voz de seu pai dentro de casa novamente. Tristeza pela dor que seu irmão deveria estar sentindo enquanto caminhava pela casa vazia, acreditando que não perdeu apenas seu pai, mas Melena também. Ela não queria imaginar a angústia de Derek, sendo o único parente de sangue de Byron e Frances Walsh, ambos se foram agora.

E sim, Melena sentia tristeza por si mesma também. Porque em vez de enfrentar todas estas aflições com os braços fortes de Lazaro ao redor dela, e seu amor para segurá-la se ela se desintegrasse, ela estaria fazendo isto sozinha.

— Estou pronta, — ela murmurou mais para si mesma do que para o macho da Raça atrás do volante.

O filho de Lucan e Gabrielle, Darion, estacionou o veículo e virou um olhar de simpatia para ela. — Levarei você para dentro, Senhorita Walsh.

— Não. — Ela balançou a cabeça, enternecida pela gentil oferta. Darion era tão cavalheiro quanto era atraente. — Obrigada, mas isto não é necessário. Meu irmão não estará me esperando, e imagino que não será fácil para ele quando eu entrar pela porta e ver que estou viva. Prefiro fazer isto sozinha.

— Certo. — Darion franziu o cenho, mas deu-lhe um aceno com a cabeça. A aura do macho da Raça de cabelos escuros era dourada e amável, firme com a força de um líder nato. — Mas vou esperar aqui até que você entre.

Ela estendeu a mão para tocar a mãozona dele. — Obrigada.

Melena saiu do veículo e dirigiu-se para a calçada em direção à porta da frente. Estava destrancada, a luz suave no vestíbulo um cálido farol acolhedor. Ela entrou e virou-se para acenar um adeus para Darion. Quando a SUV preta desapareceu, ela respirou fundo e fechou a porta atrás dela.

Ela estava em casa.

Estava de volta para um solo seguro e familiar. E, no entanto, enquanto caminhava silenciosamente pela casa, sentia-se como uma estranha neste lugar. Como um fantasma à deriva em uma vida que não se ajustava mais.

Ela andou passando pelas salas e a grande escadaria central, insegura se deveria chamar por Derek ou esperar e deixá-lo adaptar-se ao vê-la, uma vez que a encontrasse.

Não teve muito tempo para pensar. Ela ouviu seu irmão conversando mais abaixo no corredor. No escritório de seu pai. Derek estava em uma chamada telefônica com alguém, o estrondo baixo da voz dele deu alívio e um conforto que definitivamente Melena precisava agora.

— Sim, senhor, a remessa está a caminho e tudo está em ordem. Está certo, eu resolverei isto pessoalmente.

Melena parou na soleira aberta. Derek permanecia de costas para ela, vestido com uma calça de moletom solta, seus cabelos marrons ainda molhados de um banho recente. Ele não estava vestindo camisa, e embora a visão dos glifos da Raça de seu irmão não fosse nenhuma surpresa para ela, algo fez sua respiração travar abruptamente em sua garganta.

Derek agora ostentava várias tatuagens em suas costas largas e ombros. Estrelas de aparência incomuns, espadas cruzadas, algum tipo de besouro preto, um escaravelho, ela percebeu, confusa com a arte do corpo que não tinha estado lá na última vez em que viu seu irmão. Ele deveria ter feito as tatuagens depois que se mudou para fora do país um ano atrás.

— Deve estar em suas mãos amanhã Sr. Rior, — a voz de Derek era completamente seca.

Ele percebeu que não estava sozinho agora. Desconectando o telefonema sem uma palavra de desculpa, ele suavemente deslizou o telefone em seu bolso da calça.

Quando ele virou-se, seu rosto ficou tenso com choque... com total descrença.

— Melena. Meu Deus. — Ele franziu o cenho, dando uma sacudida vaga com a cabeça. Mas não correu para abraçá-la. Não reagiu do modo como teria esperado de um irmão que a amava e se preocupava com ela. — Não entendo. As reportagens disseram que não houve nenhum sobrevivente. Pensei que você estava...

— Morta, — ela respondeu, entendendo apenas naquele momento por que seu irmão parecia menos do que aliviado em vê-la.

Ele não esperava vê-la novamente afinal.

Sua aura repugnante dizia a verdade. Isto pairava ao redor dele, oleosa com a corrupção. Impregnada com decepção.

— Foi você, Derek. — Ela mal conseguia formar as palavras, quase não podia conciliar o que seus sentidos estavam lhe dizendo. — Você era o traidor sem rosto, escondido que ele temia. Oh, meu Deus... foi você quem organizou a morte de nosso pai.

* * *

Lazaro embarcou no jato particular da Ordem com um humor infernal.

Ele não esperava que a conversa com Melena fosse boa, mas que porra se ele antecipou o tipo de dor que se alojou em seu peito, desde o momento em que ela se afastou dele. Aquela dor estava ainda lá, fria e remoendo, criando um vazio por trás de seu esterno que imaginava que jamais seria preenchido.

Ela se foi.

Ele certificou-se daquilo, por ela, ele quis reassegurar a si mesmo. Mas as palavras de Melena ainda ecoavam em sua mente. A condenação dela, as acusações precisas demais.

Ele era um covarde.

Quando o jato começou a taxiar em direção à pista, Lazaro não conseguiu descartar a sensação de que estava fugindo da melhor coisa que lhe aconteceu em um tempo muito longo.

E por quê?

Por causa exatamente do que Melena disse. Ele tinha medo. Com medo até sua medula de que pudesse se permitir se apaixonar por ela, e correr o risco de ter seu coração despedaçado novamente se alguma coisa acontecesse com ela.

A verdade era que, já estava apaixonado. Deixou-a despedaçá-lo, e enquanto esfregava a dor vazia em seu peito, ele percebeu só então que fodido idiota era.

Afastar Melena tinha sido o ato mais covarde de sua longa vida.

Ele viveu mais de mil anos. Amou uma mulher profundamente, sem medo, por vários séculos antes de perdê-la. Sabia como era sentir o verdadeiro amor. Conhecia-se bem o suficiente para entender que o tempo, para ele, era irrelevante. O tempo poderia durar para sempre, ou isto poderia esvair-se em um piscar de olhos.

Ele amava Melena. E se acontecesse em uma questão de dias, ou pelo período de cem anos, era tudo a mesma coisa para ele. Ele a queria ao lado dele. Começando agora mesmo, se ela pudesse perdoá-lo em seu coração.

Com um grunhido, esmurrou o botão de chamada próximo a sua cadeira.

— Sim, senhor?

— Vire isto.

O piloto ficou mudo por um momento. — Senhor, estamos próximos da pista de decolagem para taxiar e...

— Vire esta porra de avião. Agora. — Pensamento bem, não podia esperar tanto tempo. Ele desafivelou seu cinto de segurança e levantou-se. — Não importa. Estou saindo daqui agora mesmo.

— Mas, senhor...

Ele destrancou a escotilha e saltou para baixo da fuselagem sobre a pista escura. Em seguida, estava correndo. Rumo ao veículo da frota da Ordem, que estacionou no hangar privado quando chegou.

Foi exatamente quando se aproximou do sedan preto que seus sentidos de repente sobrecarregaram, tomados por algo poderoso e horripilante. Suas veias iluminadas com um medo penetrante.

Não suas emoções.

As de Melena.

Ele podia sentir o terror que crescia em seu sangue por seu vínculo com ela.

Putá merda.

Ela estava em perigo.

Estava com medo por sua vida.

CAPÍTULO 12

Melena tentou correr.

Ela não estava nem na metade do corredor antes de Derek arrancá-la de seus pés. Sua mão ferida agarrando seus cabelos. A dor correu por seu couro cabeludo quando ele arrastou seu rosto para trás para encontrar seu furioso sorriso de escárnio.

— Você deveria estar morta, querida irmã, — ele silvou contra seu rosto. — Você e papai em um só abate. Tenho planejado isto desde que ele me confidenciou sobre sua reunião com Turati.

— Você o matou, seu bastardo! — Melena mal podia conter seu desprezo ou seu medo. — Você matou mais do que uma dúzia de pessoas inocentes naquela noite, Derek. Meu Deus, você nos odeia tanto ou está simplesmente doido?

— Organizar para que aquele foguete atacasse foi a coisa mais sã que já fiz. Matar papai e Turati? Fazer isto enquanto estavam escondidos em uma reunião secreta para intermediar sua preciosa paz do caralho? Vamos apenas dizer que ele ganhou para mim todo o respeito que eu mereço com as pessoas que realmente importam.

O coração de Melena afundou ainda mais. — Opus Nostrum.

Ele riu. — Eu fui um mero tenente neste último ano. Eles mal sabiam meu nome. Agora tenho uma linha direta com o círculo interno. Serei uma parte daquele círculo, logo. Aquilo foi minha prova de submissão, minha demonstração de valor. — Os olhos de Derek relampejaram com uma intenção maligna, enquanto ela lutava contra seu implacável agarre inflexível. — Quanto a você, Melena, não podia deixá-la me ver depois que me juntasse à organização. Seu dom irritante teria me cheirado imediatamente.

— Você conspirou para me matar todo este tempo? — Ela perguntou, odiando que a duplicidade dele a machucasse tão profundamente.

Derek deu de ombros, seus crepitantes olhos âmbar vagando sobre o apavorado e miserável rosto dela, com um desprezo frio. — A princípio, pensei que poderia apenas evitá-la. Entretanto papai me confidenciou que vinha tendo premonições de uma traição, e eu sabia que era apenas questão de tempo, antes de um de vocês, ou ambos, descobrirem minha aliança com a Opus Nostrum. Quando ele me contou mais tarde sobre a reunião e o fato de que você estaria acompanhando-o, soube que era minha chance de agir.

A bÍlis subia em sua garganta à medida que ele falava. — Você é um assassino de sangue frio, Derek. Você é um doente, bastardo traidor!

— Cuidado, irmãzinha. Sou a única coisa em pé entre você e seu túmulo. — Ele agarrou o cabo da luminária da escrivaninha, enviando a coisa escorregando para o chão. Então rapidamente amarrou os pulsos dela nas costas. — Não me apresse para colocá-la nisto.

Com isto, ele a puxou com uma pressão mais punitiva e a empurrou para frente. Ele a guiou para fora do escritório de seu pai, mais adiante para o lado oposto do corredor. Melena não teve nenhuma escolha, senão tropeçar na frente dele, entrando em pânico quando percebeu que ele estava levando-a para fora.

Ele caminhou com ela em direção ao SUV prata do pai deles estacionado na rua.

— O que você está fazendo, Derek?

Ele abriu a porta de trás. Empurrando-a para o assento mais distante.

— Onde você está me levando? — Ela exigiu, a histeria borbulhando enquanto ele calmamente entrava atrás do volante. — Se vai me matar, então apenas faça isto, maldito!

— Não vou matá-la, Melena. — Seus olhos frios encontraram o olhar dela no espelho retrovisor. — Vou levá-la para meus comparsas na organização. Eles não são pessoas agradáveis, eu receio. Você vai desejar que tivesse morrido na porra daquela explosão.

Ele ligou o motor. Então se afastou do Darkhaven e começou a acelerar para a estrada.

* * *

Lazaro acelerou o sedan preto em meio ao tráfico de final de noite na estrada, acelerando como se fugindo do inferno para Baltimore. Não sabia o que tinha apavorado tanto Melena, mas o medo dela era visceral. E isto o estava comendo vivo por dentro.

— Aguenta firme, baby, — ele murmurou enquanto se esquivava de um carro lento e quase abalroou o lado de outro. — Ah, Deus, Melena... saiba que estou indo até você.

Ele estava quase mudando de direção para a saída que precisava, quando todos os seus instintos iluminaram como fogos de artifício.

Ela estava em algum lugar perto, agora mesmo.

Possivelmente no mesmo trecho da estrada, suas veias estavam tinindo como sirenes de alarme.

Ele esquadrinhou ambos os lados das pistas divididas, um caos de faróis e veículos deslocando. Ela poderia muito bem ser uma agulha na porra de um palheiro.

E então, puta merda.

Seus sentidos da Raça puxaram sua atenção em direção a um SUV de cor clara, que tinha acabado de se fundir no lado oposto da estrada. O veículo estava em alta velocidade quase tão rápido quanto ele. Com uma pressa do caralho para chegar a algum lugar.

Melena.

Ela estava dentro do SUV prata. Ele sabia disso com total certeza em sua fria medula.

E quem quer que estivesse com ela iria sangrar como o inferno para pagar, se ela estivesse machucada de qualquer maneira.

Lazaro puxou o volante e enviou o sedan rugindo pelo meio. Grama e lama voaram em todas as direções, enquanto rasgava através da divisão e lançava seu carro no tráfego do outro lado. Ele pisou fundo no pedal, despedaçando o pavimento enquanto tentava pegar o para-choque do veículo que mantinha sua mulher.

Piscando suas luzes, tocando a buzina, tentou chamar a atenção do veículo de placas diplomáticas da GNC. Pertencia a Byron Walsh, mas Lazaro não estava certo qual o macho da Raça que estava atrás do volante. Entretanto, quando passou ao lado deles brevemente, ele pegou um vislumbre do motorista. Um frio e nauseante reconhecimento se instalou.

Filho da puta.

Derek Walsh.

E a julgar pelo olhar assassino do vampiro, ele não tinha nenhuma intenção de desistir de Melena sem uma briga. O SUV balançou em uma velocidade mais imprudente. Resvalou atrás de um reboque, esquivando-se entre o carro de um adolescente e um ônibus de passageiros. Lazaro só conseguia continuar, negociando o tráfego e mantendo seu foco treinado em sua presa.

Walsh dirigiu irregularmente por vários quilômetros com Lazaro mastigando o para-choque dele. Mais de uma vez, houve a oportunidade de golpear o bastardo e enviar o SUV rolando, ou puxar uma de suas semiautomáticas e explodir um buraco no crânio do macho da Raça... mas não com Melena do lado de dentro. Não quando o coração de Lazaro estava amarrado com ela, e cada respiração em seu corpo estava dedicada a mantê-la segura.

Ele silvou quando Walsh evitou por pouco uma colisão com um carro que se moveu para a faixa dele. E quando outro bateu de lado arrancando o espelho lateral do passageiro do SUV, Lazaro gritou uma maldição furiosa. Ele viu uma quebrada adiante, uma chance de chegar à frente de Walsh e forçá-lo para o meio da pista. Lazaro enterrou o pé no acelerador e passou voando.

Mas Walsh viu a manobra chegando.

Em vez de se deixar apanhar por Lazaro, ele fez uma manobra com força para a direita e acelerou para a próxima saída.

Uma saída que estava em obras, repleta de barris e uma pista de obstáculo com barreiras de concreto.

Walsh estava indo rápido demais, freneticamente.

Lazaro pisou no freio e deu uma guinada ao redor da perseguição novamente, quando o SUV cortou uma das barreiras e voou, rolando em um impacto duro.

Cada respiração pareceu fugir dos pulmões de Lazaro naquele momento. O mundo inteiro pareceu parar de respirar. A poeira subiu na escuridão, a névoa iluminada pelos feixes dos veículos passando na estrada.

Então, uma faísca de fogo.

— Não, — Lazaro gemeu, seu sangue gritando por Melena. — Porra, não!

Ele lançou seu veículo no acostamento e atingiu o chão derrapando.

Mesmo com sua velocidade sobrenatural, ele apenas conseguiu esticar um braço para os destroços, antes que o tanque de gasolina rompesse em chamas. Uma parede ofuscante de chamas disparou em direção ao céu, o calor explodiu em seu rosto.

— Melena, não!

* * *

Ela não conseguia respirar.

Esquentando tudo ao redor dela. Uma dor intensa em seu crânio, zumbindo em seus ouvidos. Ela abriu os olhos e viu uma abundante, nuvem espessa de fumaça cinza. E chamas.

Oh, Deus. Fogo em todos os lugares.

Melena tentou se mover, mas seus braços não funcionavam. Seus pulsos estavam amarrados. Lembrou-se agora, a consciência voltando para ela. Derek a tinha amarrado. Ele estava levando-a para longe.

Ele e seus comparsas da Opus Nostrum iriam matá-la.

— Não, — ela ofegou, sufocando com a fumaça e o calor. — Oh, meu Deus... Não!

Ela começou a chutar, gritando, tentando freneticamente se libertar das amarras. Não conseguia soltá-las. E algo estava esmagando-a na parte de trás do SUV. Ela olhou para cima e viu o chão. Debaixo dela, o teto do veículo da GNC de seu pai.

A fumaça estava rolando em frente aos seus olhos, queimando-os. Ela não conseguia manter suas pálpebras abertas. Doía ver, respirar...

— Melena. — Uma voz profunda penetrou o fogo e o ar fuliginoso que a cercava. Ela queria estender-se para isto, para ele, mas estava presa, incapaz de se mover. — Melena, eu vou tirá-la daí, querida. Fique comigo, porra!

Houve um grande e gemido uivo quando o veículo balançou onde tinha caído. Uma rajada de ar fresco, seguido de uma onda de calor, intensificando a chama.

— Estou entrando para tirá-la, — Lazaro disse.

Ela não podia vê-lo, mas sentiu-o entrando no inferno. Rastejando por todo o caminho até a parte de trás, onde ela estava deitada dilacerada e semiconsciente.

E então sentiu suas mãos fortes fizeram contato com ela.

— Ah, Cristo, — ele silvou, e ela soube que o que ele via não poderia ser bom.

Outro rugido metálico encheu o ar, então o peso esmagador que a prendia foi erguido. Ternamente, Lazaro a pegou. Começando a puxá-la livre dos destroços.

— Tenho você agora, Melena. Eu a tenho.

Ela não deixou o primeiro soluço sair até que sentiu o calor do peito dele contra seu rosto. Ela enterrou o rosto naquela força reconfortante, respirando o cheiro dele, mesmo enquanto sua garganta gritava de dor, por causa da fumaça que sufocava seus pulmões.

E então ele a pegou em seus braços e correu. Para longe da fumaça. Longe do calor, do fogo e do horror.

O ar fresco da noite a envolveu, enchendo seu nariz, enquanto enfrentava um purificado sopro de ar. E o círculo ao redor dela eram os braços fortes de Lazaro, segurando-a apertado, mantendo-a segura, levando-a para longe da morte certa.

Ele a colocou na crespa grama úmida, enquanto atrás deles chegava um dissonante trovão, quando uma nuvem de fogo e fumaça subiu rapidamente para o céu enlutarado. Buzinas soavam na estrada. Os pneus guinchavam quando o tráfico parou no local do acidente.

Mas tudo em Melena reconhecia o abatido e aterrorizado rosto do homem que amava, olhando para ela, enquanto a segurava em um abraço cuidadoso. Ele arrancou o cabo da luminária que prendia seus pulsos, e lançou de lado com um grunhido maligno. Quando estendeu a mão para alisar uma meada de cabelo do rosto flácido, seus dedos tremiam.

Melena tentou falar, mas não conseguiu empurrar som através de seus lábios. Seu corpo doía em todos os lugares, algumas das dores lancinantes, outras um enfadonho pulsar incessante.

Os olhos escuros de Lazaro estavam sóbrios em seu rosto bonito. Sua boca bonita e sensual era uma sombria linha plana. — Você vai ficar bem, ouviu? Não vou te deixar ir.

Ela queria discutir que ele já tinha. Que seu coração estava ainda rompido com o pensamento de que ele a empurrou para fora de sua vida. Fora de seu coração.

Ele olhou para ela, a miséria nadando em seu olhar. — Não vou te perder, Melena.

Com uma maldição, ele colocou seu pulso na boca e mordeu sua própria carne. Sem vacilar. Não pedindo permissão antes de colocar as perfurações nos lábios separados dela. — Beba.

Ela tentou balançar a cabeça. Este não era o modo que ela o queria, voltando para salvá-la quando estava determinado a deixá-la. Se ele estava fazendo isto por algum senso nobre de obrigação ou culpa, ou simplesmente sob o poder do vínculo de sangue com ela, não queria isto. Não deste jeito.

Ela queria rejeitar o dom do sangue dele, de seu vínculo, mas no momento em que o calor molhado e picante entrou em contato com a língua seca dela, sofregamente ela o bebeu.

E oh, era incrível.

O sangue Gen Um de Lazaro fluiu por sua garganta como luz pura. Ela o sentiu fortalecendo seu corpo, alimentando suas células. Remendando seus ferimentos.

Ele inclinou a cabeça para trás com um gemido estrangulado, enquanto ela tragava mais de seu dom eterno, as presas dele cintilando, seus ombros largos e o corpo imenso recortado pelas chamas que atravessou para salvá-la.

Foi a última coisa que Melena viu antes de uma exaustão até os ossos erguer-se para reivindicá-la.

CAPÍTULO 13

Ele vivia por mais de mil anos, tempo suficiente para que algumas coisas ainda mantivessem o poder de espantá-lo. A visão de Melena finalmente abrindo os olhos para olhar para ele, depois de estar de cama inconsciente por dois dias, era um daqueles prazeres raros para Lazaro Archer.

Os piores de seus ferimentos curados. Suas queimaduras estavam sumindo. Ela estava viva, e ele nunca tinha visto nada mais bem-vindo em toda sua vida.

Ele sorriu para ela e suavemente passou o polegar sobre as costas da mão dela, enquanto a segurava. — Oi, linda.

— Onde estamos? — Ela perguntou, sua voz fibrosa.

— Ainda em D.C. eu a trouxe para cá depois do acidente. Tenho esperado que você acordasse para que eu pudesse perguntar-lhe algo.

— Meu irmão, — ela murmurou.

Lazaro balançou a cabeça. — Sinto muito, Melena.

— Ele era parte da Opus Nostrum, — ela disse baixinho. — Ele organizou o ataque a Turati e meu pai para provar algo para seus superiores. Ele estava tentando ganhar o reconhecimento deles. E tinha medo que se o visse novamente, eu saberia de todos os segredos dele.

Lazaro e a Ordem já imaginavam que Derek Walsh provavelmente tinha ligações com a Opus, mas ouvir Melena confirmar isto fez seu sangue ferver com raiva renovada. — Se ele tivesse sobrevivido ao acidente na outra noite, juro que teria matado o bastardo eu mesmo.

— Ele parecia tão diferente. Esteve fora por apenas um ano, mas não era mais meu irmão. E tinha tatuagens estranhas que nunca tinha visto antes. Símbolos de algum tipo, e um escaravelho preto em suas costas.

— Um escaravelho? — Lazaro pensou voltando para a conversa que teve com Lucan e os outros guerreiros. Os relatórios de fora de Londres sobre corpos humanos no necrotério com o mesmo tipo de tatuagem incomum.

— Será que isto pode significar algo? — Ela perguntou a preocupação vincando sua testa.

— Pode, — Lazaro disse, não vendo nenhuma razão para protegê-la de seu mundo. Mas ele a traria para aquela parte de sua vida lentamente, depois que eles retornassem à Roma. Se ela estivesse disposta, apenas. — Precisamos conversar sobre o que está acontecendo conosco, Melena. Sobre nosso vínculo.

Ela virou a cabeça no travesseiro, olhando para ele. — Você não deveria ter feito isto. Não precisava voltar para me salvar.

— Sim, Melena, eu precisava. — Ele estendeu a mão, pegando o queixo dela com as pontas dos dedos. Ele trouxe o olhar dela de volta para ele. — Você pensa que eu poderia ter partido, sabendo que estava em perigo? Sinto você em meu sangue agora.

— Não sou sua obrigação, Lazaro. Não serei seu fardo ou um arrependimento que carregará para sempre.

— Não, você não será, — ele concordou solenemente. — Mas, será minha companheira?

Ela olhou para ele por um longo momento. Então lentamente, balançou a cabeça. — Não. Não, não posso fazer isto. Você está apenas dizendo isto porque sua honra o compele.

Ele praguejou uma maldição dura. — Melena, ouça. Olhe para mim. Sei que pode ler minha intenção, então abra os olhos e me ouça. Eu te amo. Quero você em minha vida, ao meu lado. Para sempre, se me quiser.

— E que tal tudo o que disse antes? Você não queria outra companheira sob sua proteção. Não queria esta responsabilidade nunca mais.

Ele soltou uma risada amarga. — E como você apontou para mim com tanta precisão, eu estava sendo um covarde e um idiota.

— Não me lembro de dizer que você era um idiota, — ela murmurou, olhando para ele sob seus longos cílios.

— Bem, eu fui. E assim que percebi isto, vim atrás de você.

— Porque estava preocupado comigo. Você sabia que eu estava em perigo e seu sangue não o deixou ficar longe sem tentar me ajudar.

— Não, Melena. Porque eu amo você. — Ele acariciou seu rosto. — E porque percebi que a única coisa pior do que amá-la, e temer que eu possa conhecer a dor de perdê-la no futuro, era a ideia de perdê-la agora. Antes de nós sequer começarmos a saber o que podemos ter juntos.

Ele se debruçou sobre ela na cama e ternamente a beijou, profundamente, com todo o amor em seu coração eterno. — Eu te amo, Melena.

— E eu amo você, — ela sussurrou. Ela sustentou o olhar dele, o dela tão sincero e confiante, que levou todo o controle dele para não esmagá-la em um abraço feroz. — Você salvou minha vida três vezes agora. Se eu vou ser sua companheira, isso significa que vai ter que me deixar salvá-lo algumas vezes também.

— Oh, amor, — ele murmurou. — Quer saber? Você já o fez.

* * *